

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**MABELLE SOLDATELLI DA SILVA**

**A OCORRÊNCIA DE INFERÊNCIAS EM QUESTÕES DE VESTIBULARES**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURITIBA**

**2021**

**MABELLE SOLDATELLI DA SILVA**

**A OCORRÊNCIA DE INFERÊNCIAS EM QUESTÕES DE VESTIBULARES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci

**CURITIBA**

**2021**

MABELLE SOLDATELLI DA SILVA

**A OCORRÊNCIA DE INFERÊNCIAS EM QUESTÕES DE VESTIBULARES**

Natureza do trabalho: Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 13 de agosto de 2021.

Profª. Cristina de Souza Prim, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª. Paula Ávila Nunes, Doutorado - Universidade Federal do Paraná

Prof. Roberlei Alves Bertucci, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 13/08/2021.

A folha de aprovação assinada encontra-se na Secretaria do curso.

## RESUMO

SILVA, Mabelle Soldatelli. A ocorrência de inferências em questões de vestibulares. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

Este trabalho propõe a verificação de como os processos inferenciais são explorados em questões objetivas dos vestibulares da UFPR, Unicamp e Fuvest, dos processos seletivos de 2018, 2019 e 2020, sob uma perspectiva semântico-pragmática. Considera-se que as questões de processos seletivos oferecem modelos indicativos do nível de leitura adequado após a formação do ensino básico; também, podem ser materiais para análise linguística em sala de aula. Assim, a pesquisa teórica parte de uma apresentação sobre a formação da leitura profunda, com base em Wolf (2019), e da compreensão textual, a partir de Marcuschi (2008). Na sequência, apresenta-se o tópico das inferências, a partir de Liberato e Fulgêncio (2010), que sustentam a necessidade de mobilizar informações não visíveis para compor o sentido de um texto. A literatura da Semântica e Pragmática categoriza as inferências em acarretamento, pressuposição e implicatura, conceitos apresentados segundo Cançado (2008) e Costa (2009). Após a exposição desses conceitos, são comentadas duas questões do vestibular da UERJ, classificadas pela banca da instituição como inferenciais. Em relação ao corpus, optou-se por selecionar uma questão de cada instituição para apresentação da análise. Depois, comenta-se sobre o panorama geral a respeito da presença das inferências. Partiu-se da hipótese de que os acarretamentos e as pressuposições serão mais explorados do que as implicaturas, pois as questões dos vestibulares devem ser baseadas em elementos textuais. Os resultados mostram que, apesar das implicaturas e pressuposições serem requisitadas, há uma ocorrência maior de acarretamentos para a resolução das questões.

**Palavras-chave:** Inferência. Acarretamento. Pressuposição. Implicatura. Vestibular.



## ABSTRACT

SILVA, Mabelle Soldatelli. The occurrence of inferences in university entrance exams. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

This work proposes to verify how inferential processes are explored in objective questions of the entrance exams at UFPR, Unicamp and Fuvest, from the 2018, 2019 and 2020 selection processes, under a semantic-pragmatic perspective. It is considered that the questions of selection processes offer indicative models of the adequate student's reading level after the formation of basic education; also, they can be used as material for linguistic analysis in the classroom. Thus, the theoretical research starts from a presentation on the formation of deep reading, based on Wolf (2019), and textual comprehension, based on Marcuschi (2008). Next, the topic of inferences is presented, based on Liberato and Fulgêncio (2010), who support the need to mobilize non-visible information to compose the meaning of a text. The Semantics and Pragmatics literature categorizes inferences into entailment, presupposition and implicature, concepts presented according to Cançado (2008) and Costa (2009). After exposing these concepts, this study discusses two questions from the UERJ entrance exam, classified by the institution's board as inferential. The corpus is composed by one question from the entrance exam of each university to carry out the analysis. Afterwards, the general panorama regarding the presence of inferences is commented on. We start from the hypothesis that the entailments and presuppositions would be more explored than the implicatures, because the questions of the entrance exams must be based on textual elements. The results show that, despite the implicatures and presuppositions being required, there is a greater occurrence of entailments for the resolution of the questions.

**Keywords:** Inference. Entailment. Presupposition. Implicature. University entrance exam.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquemas .....	24
Figura 2 - Questão 10 comentada .....	34
Figura 3 - Questão 19 comentada .....	35
Figura 4 - Questão da UFPR .....	40
Figura 5 - Questão da Fuvest .....	44
Figura 6 - Questão da Unicamp .....	48
Figura 7 - Questão Unicamp 2019 .....	53
Figura 8 - Questão Unicamp 2020 .....	54
Figura 9 - Questão Fuvest 2018 .....	55
Figura 10 - Questão UFPR 2018 .....	56

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Inferências nos vestibulares .....	52
Tabela 1 - Classificação das questões .....	39
Tabela 2 - Quadro geral .....	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1 LEITURA E PROCESSOS SELETIVOS</b> .....	<b>12</b>
1.1 A LEITURA PROFUNDA .....	12
1.2 A COMPREENSÃO TEXTUAL .....	15
1.3 A PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA: OS PROCESSOS SELETIVOS E OS DOCUMENTOS OFICIAIS .....	17
<b>2 INFERÊNCIAS</b> .....	<b>22</b>
2.1 AS INFERÊNCIAS DO PONTO DE VISTA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO .....	25
2.1.1 Acarretamento .....	25
2.1.2 Pressuposição .....	27
2.1.3 Implicatura .....	30
2.2 ANÁLISE DE INFERÊNCIAS EM VESTIBULARES: O CASO DA UERJ .....	33
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>38</b>
3.1 PROPOSTA DE ANÁLISE: QUESTÃO DA UFPR .....	39
3.2 PROPOSTA DE ANÁLISE: QUESTÃO DA FUVEST .....	43
3.3 PROPOSTA DE ANÁLISE: QUESTÃO DA UNICAMP .....	47
3.4 AS INFERÊNCIAS NOS PROCESSOS SELETIVOS .....	51
3.5 OUTRAS DISCUSSÕES .....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>61</b>
<b>ANEXO A - Textos da UERJ</b> .....	<b>64</b>
<b>ANEXO B - Questões indicadas como acarretamento</b> .....	<b>67</b>
<b>ANEXO C - Questões indicadas como pressuposição</b> .....	<b>80</b>
<b>ANEXO D - Questões indicadas como implicaturas conversacionais</b> .....	<b>83</b>
<b>ANEXO E - Ordem das questões</b> .....	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

O processo de leitura vai além da decodificação de caracteres, ele exige a mobilização de informações não explícitas do texto. Para tanto, o leitor constrói um caminho lógico, associando dados do texto ao seu conhecimento de mundo, ou seja, faz inferências, para atribuir sentido àquilo que lê (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2010). Em razão da essencialidade desse processo, espera-se que os estudantes finalizem o ensino básico capazes de inferir informações a partir do que é encontrado em textos, e com uma competente habilidade de leitura. Um dos possíveis caminhos para avaliar essa habilidade é tomar como parâmetro os exames de ingresso ao ensino superior, pois eles são aplicados justamente na fase de conclusão escolar. Sendo assim, este projeto tem como foco o estudo das questões objetivas de vestibulares, a fim de analisar os processos inferenciais necessários para a leitura e resolução dessas questões. As análises serão conduzidas a partir de uma abordagem semântico-pragmática.

Partimos do princípio de que os exames de ingresso no ensino superior oferecem questões de análise linguística que podem iluminar a prática em sala de aula (LOPES, 2019). Por isso, não se configuram como uma atividade-fim na aula de Língua Portuguesa (para ver se o aluno entendeu o conteúdo), mas como atividade-meio (para discussão de aspectos linguísticos relevantes). Nesse contexto, a pesquisa se concentra nos vestibulares da Fuvest, Unicamp e UFPR (de 2020, 2019 e 2018) e tem como objeto de análise as questões objetivas de interpretação textual, ficando de fora aquelas de teor puramente gramatical (nomenclaturas, por exemplo).

O desenvolvimento da leitura requer orientação e prática. O seu uso aparece em múltiplas práticas das esferas da vida: escolar, social, cultural, profissional. Desse modo, a leitura deve ser aprimorada durante toda a educação básica, a fim de que se formem pessoas letradas. No Brasil, a qualidade de leitura dos estudantes pode alcançar níveis maiores, conforme pode ser observado por meio de avaliações realizadas tanto em nível internacional, quanto nacional.

O último PISA, realizado em 2018, teve a avaliação da leitura como domínio principal. Na prova, são avaliados estudantes de 15 anos de vários países, e o resultado é apresentado em níveis: abaixo de 1c, 1c, 1b, 1a, 2, 3, 4, 5, 6. O exame revelou que, entre os alunos brasileiros, em torno de 50% alcançaram o nível 2 ou acima (o nível 2 é considerado o nível mínimo de proficiência adequado para se ter até o final do Ensino Médio). O Brasil obteve como pontuação a média de 413, sendo que a média dos países da OCDE é 487 (BRASIL, 2020). A fim de comparação, a maior média de leitura foi de 555, da China (OECD, 2019). Outros números

interessantes referentes ao Brasil são de que 10% dos desempenhos mais baixos tiveram como média 286, e apenas 0,2% atingiram o nível 6 (BRASIL, 2020).

Já no âmbito nacional, há o SAEB, que, em Língua Portuguesa, tem como objetivo avaliar a leitura e “verificar se os alunos são capazes de apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação” (BRASIL, 2019, p. 23). Nessa avaliação, os níveis vão de 0 a 8, sendo que a pontuação do nível 0 é de até 224; do nível 8, maior ou igual a 400. Há um intervalo de 25 pontos em cada nível. Os dados sobre a avaliação de língua portuguesa do terceiro ano do Ensino Médio demonstram que a pontuação média do Brasil é de 267,6, inserindo o país no nível 2. O estado com maior média é o Espírito Santo, com 283,7, inserido no nível 3. Além disso, 23,9% dos alunos está no nível 0 e apenas 0,2% alcançaram a pontuação do nível 8 (BRASIL, 2019).

As avaliações não deixam de citar as inferências como um dos tópicos importantes para a leitura. O relatório do PISA considera três processos cognitivos necessários a uma leitura fluente: localizar informações, compreender, avaliar e refletir. A “compreensão” é dividida entre “representar o significado literal” e “integrar e gerar inferências” (BRASIL, 2020, p. 50). De acordo com a descrição de cada nível, os leitores do nível 2 conseguem realizar “inferências básicas” (BRASIL, 2020, p. 76), e, abaixo desse nível, as “tarefas contém dicas explícitas sobre o que precisa ser feito, como fazê-lo e onde, no(s) texto(s), os leitores devem concentrar sua atenção” (p.76). Então, considerando os números acima citados, por volta da metade dos alunos avaliados têm dificuldade em gerar inferências e precisam ser guiados para identificar informações importantes. O relatório do SAEB, similarmente, cita a necessidade de inferir como uma das habilidades importantes para a leitura. O termo ‘inferir’ é mencionado em todos os níveis a partir do 1, e o esperado é que haja uma progressão em cada. Em relação ao nível 0, o documento não descreve as habilidades que o compõe, então, não se tem informações sobre uma quantidade expressiva (23,9%) de leitores. Os números das duas avaliações indicam uma quantidade considerável de estudantes que podem melhorar seu desempenho de leitura; e as inferências fazem parte dessa conjuntura, justificando o estudo do tema.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho é verificar como são explorados os processos inferenciais em questões objetivas de interpretação de texto (Língua Portuguesa) em vestibulares. Para isso, foram definidos três objetivos específicos. Primeiramente, iremos revisar na literatura em semântica e pragmática e de leitura sobre o fenômeno das inferências. Na sequência, iremos identificar questões de interpretação em vestibulares de expressão regional e nacional, para análise das inferências ali presentes. E, por fim, analisar como tais questões exploram os tipos de inferências e como exigem esse conhecimento para interpretação.

Consideramos, inicialmente, que as questões objetivas de interpretação textual precisam ser baseadas em elementos dados no texto, sendo, portanto, de caráter mais geral e objetivo. Isso significa que se esperam questões sem dubiedade e que não possam ter diferentes interpretações pelos candidatos, o que daria problemas para o exame, como um enorme número de recursos. Nesse contexto, sabemos que o acarretamento e a pressuposição são mais ligados ao aspecto semântico (do que as implicaturas, que são contextuais), caracterizando-se como processos de produção de inferências mais gerais, menos dúbios e menos dependente de interpretação individual. Por isso, levantamos a hipótese de que as noções de acarretamento e pressuposição serão mais exploradas nas questões objetivas do que a implicatura.

Iniciamos a revisão de literatura, com a temática da leitura, para destacarmos a importância das inferências nesse amplo campo de pesquisa. Dessa maneira, no primeiro capítulo, discutimos o assunto à luz dos autores Wolf (2019) e Marcuschi (2008). Em seguida, apresentamos alguns estudos que têm como objeto de análise os processos seletivos, a fim de verificarmos a pertinência do tema para o ensino da Língua Portuguesa. Na seção destinada a esse tema, abordamos alguns tópicos da Base Nacional Comum Curricular, a respeito da leitura e inferências.

No segundo capítulo, discutimos o tema das inferências, retomando algumas concepções de Marcuschi (2009), e, sobretudo, com base em Liberato e Fulgêncio (2010), em que as autoras defendem a importância do tópico para o entendimento dos textos. Na área de Semântica e Pragmática, o tema das inferências aparece dividido, basicamente, em três fenômenos (acarretamento, pressuposição e implicatura), o que pode contribuir para uma visão mais detalhada acerca do projeto e da exigência para a interpretação, conforme a literatura em leitura aponta. Assim, esses conceitos foram apresentados a partir de Cançado (2008) e, no que tange as implicaturas, Costa (2009). Ao final do capítulo, apresentamos o caso da UERJ, instituição que apresenta questões baseadas em processos inferenciais em seu vestibular. Selecionamos duas questões identificadas como inferenciais pela banca para comentarmos de acordo com os conceitos apresentados.

No terceiro capítulo constam os procedimentos metodológicos adotados para execução deste trabalho. Analisamos as provas conforme a delimitação e chegamos a um grande número de questões. Apresentamos a análise de 7 questões no total, mas foi dado destaque a uma questão de cada instituição com uma seção para cada. As 4 demais constam em uma única seção posterior, junto aos dados gerais (elas foram incluídas para demonstrar diferentes modelos e evidenciar que existe a presença de mais de um processo inferencial em cada uma). No final,

mostramos um panorama geral, sendo que a classificação de cada questão em um determinado tipo de inferência leva em conta a resposta correta.

O estudo do tema proposto neste trabalho se faz necessário para identificarmos as habilidades de leitura exigidas em um momento no qual se espera que haja um leitor maduro, ou seja, um leitor que possa ingressar no ensino superior. Cabe ressaltar que o ensino da língua portuguesa não deve ter como único objetivo a preparação dos estudantes para o ensino superior, mas, sim, formar pessoas letradas, e, portanto, capazes de usar a leitura de acordo com as demandas sociais. Tendo isso em vista, ao tomarmos as questões de vestibular como parâmetro, é possível refletir sobre as atividades em sala de aula para possibilitar a formação de leitores hábeis.



## 1 LEITURA E PROCESSOS SELETIVOS

A importância da leitura ultrapassa o âmbito das aulas de Língua Portuguesa; ela influencia no aprendizado das demais disciplinas escolares e contribui para o desenvolvimento de pessoas autônomas e com ferramentas para interpretar o mundo criticamente. Em virtude da sua relevância, o nosso ponto de partida é uma revisão sobre o tema da leitura, devido a sua inegável relação com as inferências, pois, com pouca atividade inferencial, a compreensão do que se lê é prejudicada. Além da abordagem desse tema, neste capítulo, traremos alguns estudos desenvolvidos que envolvem os processos seletivos e sua aplicabilidade em sala de aula. Ainda que o nosso objetivo não seja abordar práticas de ensino, nos pautamos na possibilidade de que as questões de vestibular possam ser materiais didáticos.

### 1.1 A LEITURA PROFUNDA

Wolf (2019) propõe reflexões valiosas a respeito dos cérebros dos leitores. A autora analisa o impacto que a leitura em tela pode provocar, tanto nas atuais gerações, quanto nas futuras. Ela defende a necessidade de um “duplo letramento”, a fim de que possamos desenvolver um nível profundo de leitura, seja em mídias digitais, bem como em mídias impressas. A partir das suas considerações, temos uma visão sobre a dinâmica do ato de ler, e de como as inferências, embora não isoladas, são importantes para formar a compreensão de um texto.

Inicialmente, a neurocientista explica a importância da leitura para o desenvolvimento cerebral, já que o órgão possui a capacidade de adaptar-se e modificar-se de acordo com os estímulos que recebe. Ela destaca o fato da leitura não ser algo natural ao ser humano, e, essa habilidade apreendida, ter alterado o funcionamento cerebral, com a inclusão de um novo circuito. Desse modo, “o longo processo evolutivo de aprender a ler bem e em profundidade mudou nada menos que a estrutura das conexões desse circuito, e isso fez com que mudassem as conexões do cérebro, com a consequência de transformar a natureza do pensamento humano” (WOLF, 2019, p. 10).

A pesquisadora explica que a interpretação de sentenças é mais complexa do que a interpretação de uma palavra isolada. Nesse sentido, diferentes áreas cerebrais são ativadas na leitura de uma frase e uma previsão sobre o que pode aparecer sequencialmente ocorre antes da percepção e da compreensão sobre aquilo que está sendo lido. Essa dinâmica é amparada pelo repertório de tudo o que o leitor já viveu, incluindo, claro, suas leituras. É o que ela chama de

“conhecimento de fundo”. Nesse ponto, traçamos um paralelo com Liberato e Fulgêncio (2010), pois as autoras discorrem sobre as previsões e sua importância para a leitura, já que aceleram a compreensão. Uma das previsões possíveis ocorre baseada no conhecimento sobre uma língua e as sequências prováveis de letras. Algumas consoantes, por exemplo, só permitem serem seguidas por vogal ou por outras consoantes específicas. Isso significa que, mesmo havendo ilegitimidade no caractere, o leitor fará uma previsão sobre a letra possível e poderá entender o significado da palavra. Esse tipo de previsão vai além dos termos isolados, porque “o leitor está equipado com uma série de técnicas heurísticas (ou estratégias perceptuais) que lhe permitem recuperar o sentido do texto através de pistas fornecidas pela informação visual. Essas estratégias são de vários tipos: ortográficas, morfossintáticas, semântico-pragmáticas e discursivas” (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2010, p. 16). Para exemplificar, encontramos no site de notícias *Bem Paraná*, a seguinte sentença: “Moradores da região central de Quitandinha, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), relatam ter acordado com o som e uma explosão por **volta as 3 horas**”. Nesse caso, o nosso conhecimento linguístico nos permite entender que houve a supressão da preposição “de” em “as 3 horas”. Fazemos uma previsão e não temos dificuldade em entender a informação. Alguns leitores podem nem ver a falta. Ademais, as pesquisadoras apontam, também, que o leitor eficiente elabora as previsões com base no texto e, caso não possua conhecimento suficiente sobre o tema tratado, ficará muito preso à informação visual, tendo mais dificuldade na compreensão total (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2010), afirmação que dialoga com a proposição de Wolf (2019) sobre a necessidade de usar o conhecimento já internalizado – denominado por ela *conhecimento de fundo* – para as previsões.

A respeito dos processos de leitura profunda, Wolf (2019) afirma que eles levam anos para se desenvolverem e, inclusive, podem não ser aprimorados, devido a fatores como a mudança para a leitura digital, a título de exemplo. Dentre os processos evocativos, o primeiro citado é a habilidade de formar imagens. A partir das informações apresentadas em um texto, o leitor constrói imagens, em um ato de quase cocriação com o autor. E elas são o ponto de partida para “adentrar as múltiplas camadas do sentido que pode haver num texto e também entender os pensamentos e sentimentos dos outros” (WOLF, 2019, p. 56). Isso nos leva ao próximo processo evocativo que, segundo a pesquisadora, normalmente é negligenciado: a empatia. A capacidade de colocar-se no lugar do outro, possibilita enxergar um fato sob outro ponto de vista, ampliando a percepção restrita que o leitor possa ter sobre um tema, e assim, refinando a sua competência de investigar significados. O último processo evocativo é o conhecimento de fundo, que ampara o leitor no entendimento mais aprofundado de um texto – assim como nas previsões, conforme já mencionado. Trata-se de uma somatória de tudo o que já foi lido e, de

alguma forma, já internalizado como um conhecimento de mundo (ou, *memorizado*, nas palavras da autora). Porém, não somente importa o que se lê, mas como se lê - situação que leva a autora a questionar se atualmente os leitores estão obtendo conhecimento de fundo suficiente para desenvolver o circuito de leitura profunda.

Na sequência, são apresentados os processos analíticos da leitura profunda, que incluem a mobilização de analogias e inferências. Para explicar esse ponto, a pesquisadora compara a leitura ao raciocínio científico, em que o objeto de análise precisa ser observado dentro de um método que inclui “observação, hipóteses e previsões baseadas na inferência e na dedução, testagem e avaliação, interpretação e conclusão e, sempre que possível, novas provas dessas conclusões” (WOLF, 2019, p. 72). As analogias e as inferências estão interligadas e são indispensáveis, seja em leituras técnicas ou literárias. É a partir da capacidade de fazer uma analogia (ancorado no conhecimento de fundo), que as inferências podem ocorrer e levar o leitor a novos saberes. Para explicar o que ocorre em nosso cérebro com os processos inferenciais, Wolf (2019, p. 74-75) usa justamente uma analogia: a do investigador. Retomando as táticas infalíveis do poderoso Sherlock Holmes, a autora afirma que, durante o processo de leitura, estamos constantemente fazendo previsões, as quais são avaliadas por nós a cada passo, de modo a contribuir para os sentidos que vamos construindo ao longo do texto. No final, “desvendamos” ou não o mistério, ou seja, compreendemos ou não os sentidos do texto. Os processos analíticos são concluídos com a análise crítica. A crítica “sintetiza o conteúdo do texto com nosso conhecimento de fundo, analogias, deduções, induções e inferências, e então usa essa síntese para avaliar as pressuposições, interpretações e conclusões” (WOLF, 2019, p. 76). É um processo que transporta o leitor a pensamentos autônomos e questionadores.

Por fim, Wolf (2019) conclui a explicação com o processo gerativo da leitura profunda: o *insight*. Ele acontece após e, principalmente, em razão da leitura ter passado pelos outros processos, aparecendo em uma espécie de “pensamento novo”. Assim, o *insight* pode resultar em uma experiência impactante para o leitor, estimulando a sua vontade de ler mais e melhor.

Neste projeto, não vamos verificar todas essas etapas de leitura profunda, já que nosso foco serão os processos inferenciais. O que fica claro é que eles são apenas mais uma parte no processo de compreensão leitora, mas essenciais para ela, o que justifica o recorte. Mais especificamente, entendemos que a presença de questões nos vestibulares que exijam a interpretação mais aprofundada seja essencial para avaliar o conhecimento de leitura do candidato. Além disso, é um passo importante para que outras etapas da leitura profunda sejam atingidas, como a analogia, a reflexão crítica e o pensamento novo (*insight*). Nesse sentido, o

trabalho com as inferências é fundamental para a formação de leitores e produtores de texto mais autônomos.

## 1.2 A COMPREENSÃO TEXTUAL

Embora se apoiem em linhas de pesquisas diferentes, Wolf (2019) e Marcuschi (2008) partem de uma ideia semelhante. Wolf (2019, p. 9) afirma que “os seres humanos não nasceram para ler” (conforme já mencionado no início deste capítulo), enquanto Marcuschi (2008, p. 229) declara que a capacidade de compreensão textual “não é uma atividade natural nem uma herança genética”. Para o autor, trata-se de uma atividade que exige “habilidade, interação e trabalho”. Tais fatos justificam ainda mais as pesquisas no campo da leitura e da escrita: se são tão exigidas no mundo, precisam ser cada vez mais conhecidas e estudadas, para que sejam melhor ensinadas.

Para Marcuschi (2008), a nossa compreensão se apoia em uma espécie de filtro (chamadas pelo autor de “categorias” ou “esquemas”), que nos permite identificar aquilo que existe no mundo por meio do que já fomos expostos socioculturalmente. De certo modo, possuímos um arquivo categorizado, e, quando vemos algo, esse elemento precisa passar por um filtro, ou encontrar uma categoria correspondente, para ser compreendido. Essa dinâmica é gerada por meio das experiências coletivas pelas quais o indivíduo passa. Por essa razão, os sentidos de um texto não são intrínsecos à língua, mas antes, dependem das “representações coletivas” armazenadas pelo sujeito. Desse modo, “ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo” (MARCUSCHI, 2008, p. 228).

A noção de Marcuschi (2008) a respeito da compreensão textual, que envolve “uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais” (p. 233), posiciona o autor em uma visão de leitura que vai além do reconhecimento de informações explícitas. Além disso, impõe ao cenário os interlocutores, que necessitam de seus conhecimentos para construir sentidos, tanto na elaboração de um texto, quanto na leitura dele. As inferências, conforme veremos com mais detalhes no próximo capítulo, são viabilizadas pelo repertório do leitor. No caso das inferências pragmáticas, a interpretação está conectada a um conhecimento situacional, enquanto as inferências semânticas são possibilitadas pelo significado das palavras e o conhecimento a respeito do assunto tratado. Assim, independente de qual processo inferencial esteja em foco, ele será indispensável à interpretação do texto como um todo.

Marcuschi (2008) explica três noções que devem ficar claras para defender seu posicionamento: língua, texto e inferência. A noção de língua adotada por ele é a de “um

fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto” (MARCUSCHI, 2008, p. 240). E é a partir dela que se produz sentidos, não rígidos, e que variam de acordo com as intenções, contextos e o que se sabe do mundo. A concepção de texto, para Marcuschi (2008, p. 242), “não é um puro produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo e pode ser visto como um evento comunicativo sempre emergente”. Com isso, o sentido de um texto possui uma ideia de continuidade, a depender dos leitores, não se tratando de um “depósito de informações”; no entanto, mesmo não sendo detentor de uma verdade, existem limitações entre o que é possível ou não compreender de um texto. No tocante à noção de inferência, a principal contribuição é “funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência. As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 249).

Marcuschi (2008) também discorre sobre a importância do contexto para a compreensão textual, já que ele atuaria como “o possível ordenador interpretativo” (p. 244). Assim, o contexto pode ser dividido em dois tipos: extralinguístico, em referência ao “conhecimento de mundo” (p. 245), e metalinguístico, tratando-se dos “conhecimentos de convenções e estruturas linguísticas” (p. 245). Essas informações contextuais são consideradas pistas para o leitor/ouvinte e, se subdividem em três níveis: específica, superficial e de fundo.

As pistas específicas, como o nome sugere, são situações mais particulares. No campo extralinguístico, por exemplo, se é mencionado que algum atleta tem uma medalha olímpica de natação, é possível deduzir que ele foi muito dedicado ao seu treinamento e que ele nada muito rapidamente. No campo metalinguístico, podemos imaginar uma situação em que dois vizinhos se cruzem e um deles diga “bom dia”, enquanto o outro responda o cumprimento com um sotaque diferente; nesse caso, é deduzível que essa pessoa seja de uma região diferente. Já os contextos superficiais se referem a suposições realizadas a partir de uma situação, como, por exemplo, para se ter uma medalha olímpica, é preciso ser um atleta; ou, dar “bom dia” é um diálogo informal e que não necessariamente reflete o desejo de ter um bom dia, mas antes, é um ato de civilidade. Já os contextos de fundo, se referem aos conhecimentos mais gerais sobre o funcionamento do mundo e, normalmente, os leitores estão bem equipados dessas pistas. Nesse caso, seria estar a par de uma informação como: as olimpíadas são eventos de esportes, ou que quando alguém cumprimenta, é esperado um cumprimento de volta.

Em vista disso, ao olharmos para as questões dos vestibulares, verificamos que elas contam com uma contextualização para serem interpretadas. Essa contextualização já vem com

o candidato de certo modo, principalmente nos níveis superficiais e de fundo. A busca da resposta correta conta com os seus diferentes conhecimentos a respeito do tema e sobre o funcionamento do mundo. Mas, o contexto também é construído, principalmente no nível específico, por meio do texto base apresentado antes das questões. Esse texto fornece pistas importantes que se integram às outras pistas já internalizadas pelo candidato.

A leitura, portanto, é uma prática que engloba diferentes processos, como os apresentados por Wolf (2019), e que se apoia em atividades inferenciais (sem deixar de lado a concepção de texto e língua), como aponta Marcuschi (2008). Os autores não tratam essa atividade como inata, mas como algo complexo que depende do sujeito (e todas as suas características sociais e psicológicas), e suas práticas de leitura – Wolf (2019) sugere que até mesmo a mudança para suportes digitais pode afetar o desenvolvimento dos processos de leitura profunda. Para os dois autores, a inferência não é o único processo a importar, mas é essencial à compreensão. Ao olharmos para os vestibulares, o que se espera de questões interpretativas é uma verificação de leitura do candidato, e, nesse caso, há somente um sentido aceito, na forma de resposta correta. Esse sentido deve ser possibilitado pelo texto, contando que o candidato estabeleça relações de sentido possíveis por meio das pistas que possui.

### 1.3 A PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA: OS PROCESSOS SELETIVOS E OS DOCUMENTOS OFICIAIS

As instituições selecionadas para este trabalho apresentam, em seus manuais do vestibular, informações a respeito dos conteúdos que serão avaliados nas provas, além de divulgar o que se espera dos candidatos em relação à leitura. A Fuvest descreve que “a prova de Português visa a avaliar a capacidade do candidato para ler, compreender e interpretar criticamente textos de toda natureza...” (FUVEST, 2019, p. 57). Na indicação dos conteúdos, veicula a necessidade de dominar a “significação implícita” (p. 57), e, quanto à organização textual, inclui o tópico “argumento e inferência” (p. 57).

A prova da UFPR menciona em um dos tópicos de conteúdo a “dedução de ideias e pontos de vista implícitos ao texto” (p. 2). Além disso, de um modo geral

tem por objetivo central avaliar a capacidade da candidata e do candidato de compreender textos de diferentes gêneros, mostrando o domínio que se espera de quem já concluiu o Ensino Médio, bem como avaliar a capacidade de perceber relações estruturais e semânticas entre fenômenos linguísticos sentenciais e textuais e operar sobre eles, mostrando domínio da língua padrão escrita.

(UFPR, 2019, p. 1)

A prova da Unicamp é elaborada, no que diz respeito à leitura, a fim de verificar a capacidade de

construir o sentido de textos redigidos em português e de reconhecer marcas linguísticas que permitem caracterizar um determinado gênero discursivo, seja quanto à sua forma (por exemplo, dissertativo, narrativo, poético), seja quanto à sua função (por exemplo, religioso, científico, jornalístico, comercial etc.), depreendendo os efeitos desencadeados por essas marcas.

(COMVEST, 2018, p. 36).

Embora sejam breves e objetivos, os manuais das instituições evidenciam a necessidade do candidato ter um desempenho de leitura capaz de “compreender” e “construir sentidos”. Marcuschi (2008) defende a ideia de que as inferências constituem “o horizonte máximo da produção de sentido” (MARCUSCHI, 2008, p. 259). O autor afirma que os sentidos gerados a partir de “atividades inferenciais” são formados com base no texto e a partir do repertório do leitor, resultando em uma compreensão que atravesse o limite de uma repetição ou uma paráfrase. Ao olharmos pela ótica do proposto por Marcuschi (2008), a expectativa, portanto, é de que as questões exijam dos candidatos o alcance do “horizonte máximo de sentido”, uma vez que a elaboração de inferências parece ser um dos pontos a serem checados pelas questões – como indicam alguns tópicos de conteúdo dos manuais.

As questões de vestibulares não têm uma função didática, pois atuam como uma checagem de conhecimento e de leitura, com o intuito de possibilitar o ingresso ao Ensino Superior. Contudo, partimos da ideia de que as questões de processos seletivos possam ser instrumentos de aprendizagem, ao serem realocadas para a sala de aula como objeto de debate. Os possíveis sentidos criados por meio de textos e apresentados nas alternativas de resposta, podem ser proveitosos para analisar as possibilidades e impossibilidades de interpretação. Marcuschi (2008, p. 257) afirma que “não podemos dizer quantas são as compreensões possíveis de determinado texto, mas podemos dizer que algumas delas não são possíveis”. As questões dos processos seletivos sempre exploram, também, as interpretações inadequadas, oferecendo, portanto, material enriquecedor para discussão.

Há pesquisas que têm em foco as questões de processos seletivos e suas implicações ao ensino. Gomes e Felice (2017), por exemplo, com o intuito de investigar o efeito retroativo do Enem para as aulas de Língua Portuguesa, identificaram que os processos seletivos causam um “efeito retroativo negativo”. Por meio de pesquisa em algumas escolas, as autoras constataram que muitos conteúdos são ensinados em sala de aula com o propósito de conseguir a aprovação no vestibular. Assim, quando as questões são utilizadas, são aplicadas como “treino” para as

provas que os alunos têm o objetivo de prestar. Nesse contexto, a problemática não está nas questões, mas em como elas são aproveitadas – com a intencionalidade de testar. Desse modo, a ideia de debate a respeito das construções de sentido se perde, prevalecendo a necessidade dos alunos provarem que estão interpretando corretamente os textos.

Todavia, já foram realizadas pesquisas que analisam as questões de processos seletivos, e, nos instiga a considerá-las proveitosas no contexto de sala de aula. Souza (2013), por exemplo, teve como objeto de estudo as questões de vestibulares das instituições UFT, UFG, UFSC, Unicamp, UFPB e UFMA, e constatou que elas exigem reflexão no nível semântico, quando exploram conceitos como sinonímia e ambiguidade. Assim, o autor conclui que “a reflexão sobre fenômenos da língua está na pauta de elaboração das provas de vestibular” (SOUZA, 2013, p. 101). Souza (2013), também, não considera justificável conduzir as aulas de Língua Portuguesa com o objetivo de testar, já que, no recorte analisado, as próprias questões solicitam reflexões.

Além disso, estudos indicam que a própria configuração dos processos seletivos, geralmente, é pensada em diálogo com os documentos oficiais de ensino. Segundo Souza e Ferraz (2014), documentos como os PCNs e os PCNEMs foram pensados a partir de discussões da área da Linguística Aplicada, que defende a necessidade do ensino ser pautado por meio da reflexão sobre a língua. Do mesmo modo, essas discussões influenciaram os processos seletivos, pois, os “exames vestibulares tiveram sua elaboração norteadas tanto pelas pesquisas na área da Linguística, como pelos documentos oficiais que dispõem sobre a educação no país” (SOUZA; FERRAZ, 2014, p. 82).

Também, ao analisar as habilidades de leitura requeridas em provas de produção textual da UFPR, Mendonça (2014), verificou que as exigências estão em conformidade com o que apontam os PCNs, por isso, teoricamente, o aluno concluinte do Ensino Médio estaria capacitado a realizar as provas dessa instituição. A autora também verificou que os conceitos de leitura que fundamentam os PCNs são os mesmos que dão base às provas da UFPR; são de caráter sociointeracionista e consideram a língua “como mediadora de significados e *locus* da interação entre sujeitos historicamente situados” (MENDONÇA, 2014, p. 54).

Mais recentemente, Lopes e Bertucci (2019) examinaram se as questões de vestibular estão em consonância com os documentos de ensino e com as discussões de análise linguística. Para isso, a pesquisa se concentrou em questões discursivas da Fuvest, focalizando os dêiticos a partir do ponto de vista semântico-pragmático. Com a análise do corpus selecionado, os autores concluíram que as questões dos vestibulares podem ser aliadas ao ensino, tendo seu uso em sala de aula visto como produtivo para um ensino reflexivo.



O documento de ensino mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresenta uma visão de leitura que engloba não somente textos escritos, incluindo, também, gêneros multissemióticos. Isso significa que as linguagens audiovisuais, sonoras, gestuais etc, devem ser estudadas para serem compreendidas. Esse fato dialoga com o que se encontra em muitos vestibulares, ao apresentarem questões tendo por base tirinhas, *posts* de redes sociais, imagens etc. Há, evidentemente, uma limitação de linguagens, por se tratar de um material impresso. No entanto, o vestibular da Unicamp incluiu como leitura obrigatória o álbum musical dos Racionais MC's, sendo uma alternativa para contemplar, também, a leitura da linguagem sonora. Essa decisão reforça o entrosamento do vestibular com o documento oficial.

No que diz respeito às inferências, a BNCC apresenta alguns tópicos que contemplam o tema em “estratégias e procedimentos de leitura”. Mais especificamente sobre inferências, lemos algumas indicações do documento:

- Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.
- Inferir ou deduzir informações implícitas.
- Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.
- Reconhecer/inferir o tema.  
(BRASIL, 2018, p. 74)

O documento orienta que as habilidades essenciais à leitura, incluindo as inferências, já sejam desenvolvidas durante o Ensino Fundamental, e que caberia ao Ensino Médio propiciar o ampliamto do “uso das linguagens de maneira crítica” (BRASIL, 2018, p. 493). Seria, então, no Ensino Médio que a etapa da leitura profunda, análise crítica, estaria sendo aprofundada/desenvolvida pelos estudantes. De acordo com Wolf (2019, p. 76), “a formação cuidadosa do raciocínio crítico é a melhor maneira de vacinar a próxima geração contra a informação manipuladora e superficial, seja em textos ou telas”. Um dos objetivos da BNCC, levando em conta as competências gerais propostas pelo documento, parece ir ao encontro da reflexão sobre a formação do raciocínio crítico da cientista, principalmente, a quinta competência que aborda o uso das tecnologias:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.  
(BRASIL, 2018, p. 9)

As informações contidas nesta seção nos mostram a possibilidade de aproveitar as provas de processos seletivos para um uso reflexivo a respeito da língua em sala de aula. Apesar deste trabalho não contemplar a prática de ensino das inferências, julgamos necessário averiguar como o objeto escolhido se situa no campo da pesquisa a respeito da educação. No contexto da aplicação dos vestibulares, o candidato pode ter seu desempenho facilitado, se tiver um ensino que o auxilie a refletir.

## 2 INFERÊNCIAS

Para Marcuschi (2008), a noção de inferência (aliada a de texto e de língua) é essencial para a compreensão textual. A definição dada pelo autor para as inferências é de “processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica” (p. 249). Esse conceito é ancorado na ideia de que o sentido é uma espécie de “negociação” (p. 248) entre o texto, o leitor e o emissor. Com isso, requer uma atitude ativa do leitor, aliando as pistas contextuais de que dispõe, para construir algum sentido. Em uma situação de vestibular, essa negociação é guiada pelas alternativas de respostas, e as questões que exploram relações inferenciais, buscam verificar se o candidato constrói uma representação semântica coerente com o que o texto deduz.

Liberato e Fulgêncio (2010) também atribuem às inferências um papel fundamental para a leitura. As autoras, similarmente, mencionam a necessidade de colaboração para a compreensão textual, que engloba a informação visual do texto e o conhecimento prévio do leitor. Essa interação permite a formulação de inferências, explicadas por elas como o “processo de dedução de informações não explícitas, de acréscimo de dados ao texto e de construção de pontes de sentido” (p. 26). As pesquisadoras fazem uma comparação do texto a um quebra-cabeças, em que as peças são as informações explícitas, e que cabe ao leitor montá-lo, ou seja, “cabe ao leitor inferir as relações implícitas e elaborar o significado” (p. 26). Por isso, para elas, o conhecimento prévio é o ponto mais importante para a leitura, pois viabiliza as inferências, também possibilita as previsões, permitindo a montagem do quebra-cabeças. E como no jogo, várias peças podem se encaixar, mas sem formar a imagem adequada. O leitor atento percebe isso por meio das relações que faz. Quando há pouca informação sobre o tema tratado, o entendimento do texto fica comprometido.

As deduções exigidas durante a interpretação ocorrem o tempo inteiro, seja em gêneros orais ou escritos. As pesquisadoras discutem o tema a partir de um exemplo: “O Zé passou” (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2010, p. 31). Elas alertam que, essa frase, quando direcionada a outra pessoa, necessita que o interlocutor inclua informações para entender aquilo que não está dito. Por isso, é preciso que o leitor ou ouvinte conheça o Zé e saiba em que ele desejava passar. Do contrário, ele precisará de mais dados, porque não conseguirá inferir e compreender (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2010). Se o interlocutor não se lembra quem é o Zé, então, precisa questionar: “Que Zé?”. Ou, se ele não souber detalhes da vida do Zé, perguntará: “Passou onde, que não vi?”. Se o Zé passou no vestibular, uma série de inferências são retiradas da sentença,

como o fato de Zé ter prestado um exame, ter tido uma conquista importante, estar feliz em razão disso. Esse é um exemplo de como o processo inferencial é rotineiro e essencial para a comunicação.

As autoras defendem, também, que as inferências geram novos conhecimentos, somando-se, portanto, ao conhecimento de base do leitor. Conforme indicam no trecho a seguir:

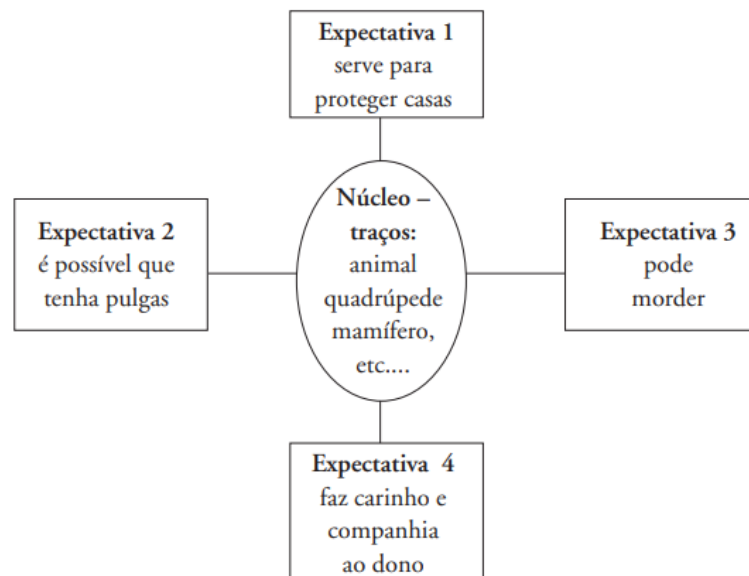
Essa informação adicional, elaborada pelo leitor, passa igualmente a fazer parte do seu conjunto de conhecimentos, do mesmo modo como acontece com as informações transmitidas literalmente no texto. A capacidade inferencial é de tal forma inerente à compreensão da linguagem que o leitor, quando memoriza as informações recebidas, incorpora a esse elenco também a informação inferida, sem nem mesmo perceber que essa informação não estava explícita no texto. Esse dado inferido, que na verdade é construído pelo leitor, entra na memória como se fizesse parte do texto, do mesmo jeito que as informações literais.

(LIBERATO; FULGÊNCIO, 2010, p. 34-35)

À vista disso, as questões de processos seletivos também podem propiciar novos conhecimentos ao candidato. Como existem relações inferenciais a serem analisadas entre os textos e as alternativas de resposta, as questões, além de avaliar, contribuem para o enriquecimento do repertório. Esse é, também, um dos motivos pelo qual as questões possam ser levadas à sala de aula; além das discussões a respeito dos aspectos linguísticos, elas podem proporcionar a ampliação do acervo de informações do aluno, tornando-se aliadas no processo de ensino-aprendizagem e não apenas um fim em si mesmas para o objetivo de “passar no vestibular”.

O processo de elaboração de inferências se dá, segundo Liberato e Fulgêncio (2010), quando, juntamente com os significados de uma palavra, por exemplo, são mobilizadas certas expectativas em relação a ela, relacionadas aos “conhecimentos enciclopédicos” do leitor. E são essas expectativas que viabilizam as inferências durante a leitura. As autoras apresentam uma noção de esquema, cujo funcionamento está vinculado a uma “rede de informações interligadas” (p. 37). A seguir, a representação do esquema proposto por elas:

**Figura 1 - Esquema**  
Esquema de “cachorro”



**Fonte: Liberato e Fulgêncio (2010, p. 38)**

Nesse caso, o leitor ao se deparar com o conceito de ‘cachorro’, ativa juntamente todas essas informações relacionadas. Vamos a um exemplo:

(1) Maria está sangrando. Esse cachorro é muito brabo!

Para atribuir coerência ao texto em (1), foi necessário ativar a expectativa 3 do esquema: cachorros podem morder. Do mesmo modo, com o conceito de ‘sangrar’, foi ativada uma expectativa de que, para isso acontecer, é necessário algum ferimento. Cada conceito possui a sua rede de expectativas que deve se combinar à rede de outro conceito, possibilitando as inferências. Inferir em (1) que ‘Maria foi mordida’ requer a combinação de expectativas de pelo menos dois conceitos: cachorro e sangrar.

Se ao invés de ‘sangrando’, mudarmos em (1) para ‘cansada’, a sentença parece ficar incoerente, já que o conceito de ‘cansada’ não cria uma expectativa que pode se conectar facilmente a ‘cachorro’. Apesar disso, Liberato e Fulgêncio (2010) afirmam que o ouvinte/leitor faria um esforço e tentaria conectar as sentenças devido ao Princípio Cooperativo. Esse ouvinte/leitor julgaria que as frases não foram ditas à toa, e, portanto, devem ter algum sentido. O Princípio Cooperativo será retomado na seção 2.1.3 deste trabalho, na qual falaremos das implicaturas.

Essa noção de “esquema” das autoras dialoga com o que apresenta Marcuschi (2008) sobre as categorias/esquemas internalizados: “nós só tomamos conhecimento de algo e identificamos algo como sendo determinada coisa quando temos categorias ou esquemas

cognitivos para isso” (MARCUSCHI, 2008, p. 228). Marcuschi exemplifica que reconhecemos objetos no mundo porque construímos socialmente a “experiência” do objeto. Similarmente, as inferências são possíveis devido às expectativas que temos. Se em nossa sociedade fosse muito comum usar cães para a caça, essa expectativa seria ativada muito facilmente para inferir alguma informação relacionada a isso em algum texto. Numa comunidade em que não há caça, o mesmo texto seria de difícil compreensão. Portanto, Marcuschi (2008) e Liberato e Fulgêncio (2010) consideram a formação dos esquemas (dos conceitos e das suas expectativas) de base sociocultural.

Essa lógica dos esquemas pode ser notada nas questões de vestibulares, sobretudo se pensarmos que elas oferecem respostas incorretas. As questões podem propor alternativas que não condizem com as expectativas que os conceitos produzem; com isso, existe a possibilidade de serem mais facilmente desconsideradas, porque maior seria o caminho percorrido para tentar conectá-las ao texto. Mas, isso depende da forma como a questão é elaborada, ou do tipo de inferência presente, pois, em alguns casos, as alternativas podem ser erradas e trazer conceitos possíveis (do ponto de vista do esquema), mas exigirem uma checagem em relação aos sentidos do texto. O candidato que possui os conhecimentos enciclopédicos necessários ao tema, pode julgar mais facilmente as opções. De um modo geral, o leitor terá mais dificuldades de ler um texto se a conexão entre os conceitos se faz por meio de expectativas que ele não tem.

## 2.1 AS INFERÊNCIAS DO PONTO DE VISTA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO

Marcuschi (2008) detalha as operações inferenciais em doze tipos, sendo elas de natureza lógica, lexical, semântica, pragmática, cognitiva e experiencial. Elas vão desde a dedução, que consiste na utilização de poucas informações textuais para chegar a uma ideia, até o falseamento, que trata do acréscimo de informações inverídicas a um texto. Não pretendemos trabalhar com todas essas operações, por isso, o recorte desta pesquisa compreende os conceitos apresentados a partir da abordagem semântico-pragmática, baseados em Cançado (2008) e Costa (2009). A área da semântica se concentra no estudo dos significados de uma língua, enquanto a pragmática leva em conta aspectos que estão além, como o contexto em que um texto é exposto e suas intenções. São três os fenômenos inferenciais dessa área de estudo, que serão explicados na sequência: acarretamento, pressuposição e implicatura.

### 2.1.1 Acarretamento

O acarretamento é um tipo de inferência de ordem semântica, e para explicá-lo, Cançado (2008) traça um paralelo com a noção de hiponímia. Na hiponímia existe uma relação entre palavras, em que uma, de significado mais restrito, está inserida em outra, de significado mais amplo. Como, por exemplo, o João pode ser incluído no conjunto dos seres humanos, que está no conjunto dos mamíferos, fazendo parte dos seres vivos. A palavra ‘João’ inclui os sentidos de ser humano, mamífero e ser vivo, mas o contrário não ocorre, pois nem todo ser vivo é um mamífero, nem todo mamífero é um ser humano e nem todo ser humano é o João. Assim, Cançado (2008) afirma que enquanto a hiponímia ocorre entre palavras, o acarretamento ocorre entre sentenças.

Os requisitos para haver uma relação de acarretamento entre sentenças foram definidos por Cançado (2008, p. 28) da seguinte forma: se “a sentença (a) for verdadeira, a sentença (b) também é verdadeira”; “a informação da sentença (b) está contida na informação da sentença (a)”; “a sentença (a) e a negação da sentença (b) são sentenças contraditórias”. Vamos observar o exemplo a seguir:

- (2) a. Maria nadou 1 hora ontem.  
 b. Maria fez uma atividade física ontem.
- (3) Maria nadou 1 hora ontem, mas Maria não fez uma atividade física ontem.

Levando em conta os requisitos apresentados, podemos considerar que (2a) acarreta (2b), pois se (2a) for verdadeira, (2b) também é; o conteúdo de (2b) está em (2a); e, o teste da negação em (3) resulta em uma frase contraditória.

Cançado (2008) também esclarece que a dinâmica entre as frases é a mesma existente entre as palavras, na relação de hiponímia. Aplicando ao exemplo em (2), se é verdade que Maria fez uma atividade física ontem, não necessariamente a atividade seria nadar; nem mesmo por um período de uma hora, portanto, a sentença em (2b) não acarreta em (2a).

Dessa maneira, Cançado (2008) atribui à relação de acarretamento a assimetria. Se as frases forem simétricas, existe uma relação de paráfrase, que também é chamada de “sinonímia entre sentenças” (p. 42). A autora defende que não existe um sinônimo perfeito, nem entre palavras, nem entre sentenças. No caso das sentenças, segundo a pesquisadora, um exemplo normalmente visto como paráfrase é a mudança para a voz passiva:

- (4) a. Todos estes jovens praticam dois esportes.  
 b. Dois esportes são praticados por todos estes jovens.

A sentença em (4a) pode sugerir que todos os jovens praticam duas únicas modalidades de esportes. Nesse caso, a frase em (4a) acarreta em (4b) e (4b) em (4a), sendo, portanto, simétricas. Mas é possível entender em (4a) que cada pessoa pratica dois esportes, não os

mesmos. Nessa interpretação, (4a) acarreta em (4b), mas (4b) não acarreta em (4a). Para Cançado (2008), exemplos como a da voz passiva reiteram a inexistência de sinonímia perfeita (ou paráfrase perfeita). Em todo caso, o que deve ser considerado nessa análise é “o acarretamento mútuo, ou seja, somente o conteúdo semântico das sentenças, como sendo essa noção básica, para o que quer que seja a relação de sinonímia” (CANÇADO, 2008, p. 44). Nas palavras dela, “o falante nunca é ingênuo”, então, a escolha por destacar uma informação pode ter intenções – em (4a) o interlocutor pode estar querendo chamar atenção aos “dois esportes” –, mas elas não devem ser julgadas na análise.

Em relação a esse tópico, a linguista explica que a dificuldade de identificar os acarretamentos, consiste na necessidade de excluir informações que cercam os termos utilizados:

o que fazemos ao estabelecer os acarretamentos de uma sentença é tirar-lhe todas as informações que acrescentamos, a partir das nossas experiências, do nosso conhecimento de mundo, e deixar somente o que está explícito nas relações expressas pelos itens lexicais dessa sentença, ou seja, o sentido exclusivamente literal. Em outras palavras, o acarretamento é uma propriedade que nos mostra exatamente o que está sendo veiculado por determinada sentença, nada além. Essa é a dificuldade, pois estamos habituados a entender sentenças com todas as outras informações extralinguísticas que possam também estar associadas a essa sentença, a quem profere a sentença e a quem escuta a sentença. Ao estabelecer os acarretamentos de uma sentença, estamos fazendo uma espécie de triagem do que está além daquele objeto, para poder analisar somente o próprio objeto.  
(CANÇADO, 2008, p. 28)

Por isso, o acarretamento é somente semântico, uma vez que o contexto de uso das sentenças (foco da pragmática), não é relevante. O exemplo a seguir mostra uma situação em que, conforme Cançado (2008), as “nossas experiências” e o nosso “conhecimento de mundo” não devem influenciar na análise do acarretamento:

- (5) a. Ele viajou para a Sibéria no inverno.  
b. Ele sentiu frio na Sibéria.

Não é contraditório dizer que alguém viajou para a Sibéria no inverno, mas não sentiu frio, porque, embora o lugar seja conhecido por ter baixas temperaturas, é possível ter ficado o tempo todo em um ambiente aquecido. Para perceber que não há acarretamento em (5), é preciso excluir o conhecimento sobre o lugar e olhar apenas para aquilo que as sentenças apresentam. No entanto, o repertório do ouvinte é essencial para que ele possa julgar a frase, pois, se o local citado for desconhecido, o questionamento será: “Onde fica esse lugar?”.

### 2.1.2 Pressuposição



O conceito de pressuposição é apresentado por Cançado (2008) como sendo semântico-pragmático. Esse fenômeno inferencial ocorre quando há uma informação prévia, de conhecimento dos falantes, e é disparado por algum elemento linguístico. Esse conteúdo extralinguístico é a razão para que as informações textuais tenham sentido.

Cançado (2008) explica que existe um conteúdo inalterado ao negar, interrogar ou em situação de condicional. A partir dessa descrição, observemos as duas sentenças a seguir:

- (6) a. Maria chegou ontem de viagem.  
b. Maria tinha viajado.

Ao transformarmos (6a) em frases distintas em (7), ainda assim, todas elas terão como pressuposição (6b).

- (7) a. Maria não chegou de viagem ontem.  
b. Se Maria chegou de viagem ontem, ela está cansada.  
c. Maria chegou de viagem ontem?

A razão da autora considerar que a pressuposição também seja pragmática, consiste no fato de que, se alguém disser qualquer um dos exemplos em (7), é necessário que o falante saiba que a Maria viajou, por isso, estaria envolvendo um conhecimento além do que expressam as palavras utilizadas. São também semânticas porque são as sentenças que disparam a inferência, como no caso do sintagma verbal ‘chegou de viagem’, indicando que Maria não estava presente e, portanto, deve ter viajado. A pressuposição, então, é o que é assumido como verdadeiro (6b) para que as frases tenham sentido (6a; 7). Por quê? Imagine que alguém pergunte: “E aí, Maria chegou de viagem ontem?” Se a pressuposição (6b) não for verdade, a resposta mais esperada seria: “Como assim? A Maria não viajou”. Nesse caso, o interlocutor se nega a tratar de responder a pergunta, mas se preocupa, antes, em corrigir a suposta pressuposição. Esse fato mostra a importância da pressuposição: nela, está o repertório (*background*) de conhecimento para que uma conversa tenha sentido.

Assim, a definição de pressuposição dada pela pesquisadora é de que “a sentença (a) pressupõe a sentença (b), se, e somente se, a sentença (a), assim como também os outros membros da família da sentença (a) tomarem a sentença (b) como verdade” (CANÇADO, 2008, p. 34). Vamos analisar outro exemplo:

- (8) a. João sabe que a Maria gosta de correr.  
b. João não sabe que a Maria gosta de correr.  
c. João sabe que a Maria gosta de correr?  
d. Se o João sabe que a Maria gosta de correr, ele não precisava ter perguntado.
- (9) Maria gosta de correr.

A família em (8) assume o conteúdo em (9) como verdadeiro, por isso, novamente, há uma relação de pressuposição. Assim como ocorre com os exemplos em (6a; 7), (9) precisa ser verdade para que as sentenças em (8) sejam aceitas pelos falantes.

Os dois tipos de inferências já mencionados (acarretamento e pressuposição) podem existir nos mesmos exemplos, mas não há nenhuma obrigatoriedade de ocorrerem simultaneamente. Com o exemplo em (10), notamos que não há uma relação de pressuposição, pois (11a) não toma como verdade que alguém fez o jantar hoje:

- (10) a. Maria fez o jantar hoje.  
       b. Alguém fez o jantar hoje.
- (11) a. Maria não fez o jantar hoje.  
       b. Maria fez o jantar hoje?  
       c. Se a Maria fez o jantar hoje, ela deve ter chegado cedo do trabalho.

Embora não haja a pressuposição, o acarretamento ocorre, pois o teste da negação indica a contradição: Maria fez o jantar hoje, mas ninguém fez o jantar.

Já o exemplo de pressuposição visto em (8), apresenta, também, uma relação de acarretamento, pois a negação é contraditória: João sabe que a Maria gosta de correr, mas Maria não gosta de correr. Nesse caso, portanto, (8a) acarreta e pressupõe (9).

Além disso, é possível que haja a pressuposição e não o acarretamento, conforme o exemplo a seguir:

- (12) a. Não era o João que gostava de xadrez nessa turma.  
       b. Alguém gostava de xadrez.
- (13) a. Era o João que gostava de xadrez nessa turma.  
       b. Não era o João que gostava de xadrez nessa turma?  
       c. Se não era o João que gostava de xadrez nessa turma, então era o Pedro.

A família em (12a; 13) indica que já uma relação de pressuposição, pois assume como verdade (12b). No entanto, a relação de acarretamento não existe, pois, a sentença em (12a) com a negação de (12b), não é contraditória: Não era o João que gostava de xadrez nessa turma, na verdade, não havia ninguém que gostava de xadrez. Nesse ponto, Cançado (2008, p. 36) argumenta que

o falante nunca é ingênuo ao escolher certas expressões e, na verdade, quando escolhe uma expressão como não foi fulana que... (uma expressão desencadeadora de pressuposição), ou o falante acredita que foi alguém, ou ele quer fazer o ouvinte acreditar que foi alguém. Portanto, podemos pensar em duas possibilidades. Primeira, o falante confia na verdade da sentença (b), conhece previamente (b), senão ele não a estaria enunciando. Segunda possibilidade, a pressuposição é um mecanismo de atuação no discurso: o falante quer direcionar a conversa, fazendo o ouvinte criar uma certa expectativa em relação a (b).

O exemplo em (12) possui mais de uma possibilidade de leitura. Em uma delas, o ‘não’ indica para um ‘ninguém’, e, nesse caso, não acarreta e não pressupõe. Em outra leitura, a expressão ‘não era o João’, pode estar indicando outra pessoa, como em (13c), e, nessa interpretação, a pressuposição se confirma conforme indicado no teste (13).

O acarretamento não ocorre em (12) por conta do seu caráter semântico, pois o exemplo em (12a) expressa apenas que ‘não era o João’, não garantindo a existência de alguém que goste de xadrez. Se há alguma intenção ao utilizar essa expressão, ela não é considerada para análise do acarretamento.

Cabe mencionar que a pressuposição é cancelável, pois, embora o teste a confirme, se a informação prévia não for verdadeira, é provável que um dos falantes a corrija: “Na realidade, ninguém gosta de xadrez nesta turma”. E esse cancelamento pode ser de apenas uma parte das informações: “Na verdade, o João gostava de jogar damas”.

Cançado (2008) lista alguns elementos linguísticos que são propícios a desencadear pressuposições, como é o caso das sentenças clivadas (não foi... que...). Juntam-se a essa lista os verbos factivos (saber, por exemplo), a expressão ‘parar de’; e, algumas orações subordinadas, como as temporais e comparativas.

- (14) a. Eu parei de contar histórias, depois que ele aprendeu a ler.  
 b. Eu não parei de contar histórias, depois que ele aprendeu a ler.  
 c. Eu parei de contar histórias, depois que ele aprendeu a ler?  
 d. Se eu parei de contar histórias, depois que ele aprendeu a ler, ...

No exemplo em (14), a expressão ‘parei de’ é responsável pela pressuposição de que eu tinha o hábito de contar histórias, visto que a família toma como verdade essa informação.

### 2.1.3 Implicatura

As inferências situadas no campo da pragmática e que são construídas por meio do contexto em que são proferidas são chamadas de “implicaturas conversacionais”. São inferências que requerem a atuação do ouvinte para complementar o sentido daquilo que o emissor comunicou (CANÇADO, 2008). Observemos um exemplo:

- (15) A: Você sabe se já chegou a encomenda?  
 B: Os correios estão em greve.

Nesse diálogo, a inferência a ser feita para o entendimento é de que a encomenda não chegou, pois essa afirmação não foi dada explicitamente. O falante (B) conta com a participação do falante (A) para entender a mensagem.

A saber, as implicaturas foram investigadas por Grice, e “o autor propõe que existe um princípio cooperativo regendo as implicaturas conversacionais, um tipo de entendimento tácito entre os falantes que estabelece uma cooperação na comunicação entre as pessoas” (CANÇADO, 2008, p. 132).

O Princípio de Cooperação proposto por Grice, constituído por normas que orientam a comunicação, se assenta na ideia de que os interlocutores colaboram uns com os outros, para que suas falas possam ser compreendidas. Esse princípio é composto por quatro máximas conversacionais:

- quantidade, que se refere à quantidade de informação necessária para o entendimento, nem de mais e nem de menos;
- qualidade, que está relacionada à veracidade da informação;
- relação, referente à relevância da informação;
- modo, que engloba a clareza, incluindo a necessidade de evitar obscuridade, ambiguidade, desordem e redundâncias.

Quando uma das máximas é rompida, uma implicatura é requisitada para compor o sentido do diálogo. Vamos observar o diálogo a seguir:

(16) A: Já limpou a casa?

B: Estou com dor no braço.

Nesse caso, a implicatura gerada é de que a resposta de (B) foi negativa. Aparentemente, as frases são desconexas, mas devido ao Princípio de Cooperação e à máxima de relação, o falante (A) vai considerar a resposta de (B) relevante, por isso, tentará dar um sentido à frase. O Princípio de Cooperação fica evidente ao imaginarmos a frase de (16B) em outro contexto. Se o falante está em uma consulta médica e perguntam-lhe “O que te traz aqui?”, a resposta “Estou com dor no braço” significará a causa e não uma negação. Desse modo, a cooperação foi essencial em (16) para que a resposta tivesse relevância e fosse compreendida.

Similarmente à pressuposição, a implicatura tem como característica a possibilidade de cancelamento. No diálogo em (16), será implicado que a casa não foi limpa, mas (B) pode dizer depois que, apesar da dor, ele limpou mesmo assim, ou até mesmo que a dor é a consequência da atividade feita, cancelando, portanto, a inferência.

De acordo com Costa (2009), além da violação de uma máxima, as implicaturas podem ser geradas por outras duas situações: quando nenhuma máxima é violada e quando uma delas é rompida para que outra não seja. O exemplo a seguir apresenta uma implicatura mesmo mantendo todas as máximas:

(17) A: Acho que a Maria traiu o João.

B: Mesmo drama do Dom Casmurro.

A resposta em (17B) gera a implicatura de que não é possível saber se houve a traição por parte de Maria, tal como se sabe em relação ao que ocorre no romance Dom Casmurro. No entanto, essa inferência só é possível se o falante (A) conhecer o enredo do livro mencionado. Do contrário, haveria, sim, uma quebra da máxima de relação.

Na sequência, um exemplo de implicatura em que uma máxima foi violada para que outra fosse mantida:

(18) A: A comida ficou boa?

B: Fico feliz por você ter usado seu tempo para cozinhar.

Podemos considerar que houve a quebra da máxima de quantidade, pois o falante (B) se estendeu mais que o necessário, uma vez que a resposta poderia ser “sim” ou “não”. A resposta de (B) gera a implicatura de que a comida não ficou boa. Nesse caso, ele optou por não responder “sim” e quebrar a máxima de qualidade, que está vinculada com a veracidade.

No modelo de Grice, além das implicaturas conversacionais<sup>1</sup>, existem as implicaturas convencionais. Costa (2009), apresenta duas propriedades relacionadas a esse fenômeno: “presas à força convencional do significado das palavras”; e, “reconhecidas pelo interlocutor mediante a sua intuição linguística. Não dependem de um trabalho de cálculo dedutivo” (p. 16).

(19) Mesmo sendo advogado, o João não conhece as leis brasileiras.

No exemplo em (19), ‘mesmo’ implica uma informação que não está dita explicitamente: advogados devem conhecer as leis brasileiras. ‘Mesmo’ tem um sentido de concessão, desse modo, em (19), há um contraste entre as informações veiculadas: ser advogado e não conhecer as leis brasileiras. Diferente do que acontece na implicatura conversacional, a convencional está ligada ao significado usual das palavras. E, são disparadas por algum elemento linguístico.

(20) Pedro é político, portanto não é confiável.

Em (20) foi enunciado que “Pedro é político” e que “não é confiável”. O conectivo ‘portanto’ estabelece uma relação entre essas informações, implicando que um político não é confiável. Esse sentido dado pelo conectivo fica mais claro se o substituirmos:

(21) Pedro é político, mas não é confiável.

---

<sup>1</sup> As implicaturas conversacionais são divididas entre generalizadas e particularizadas. As generalizadas não dependem de um contexto, ou seja, a implicatura ocorre do mesmo modo em qualquer circunstância em que os falantes estejam. Já as particularizadas estão conectadas ao contexto e às informações que os falantes compartilham (COSTA, 2009). Como nosso foco é na caracterização geral, não vamos discutir os detalhes dessa classificação.

Nesse caso, a implicatura em (21) é outra. Continua sendo dito que “Pedro é político” e que “não é confiável”, entretanto, o ‘mas’ sugere que políticos podem ser confiáveis. Desse modo, as implicaturas decorrem do sentido convencionalizado das palavras, tal como apresentado por Costa (2009), e estão relacionadas a um elemento linguístico, como os conectivos.

## 2.2 ANÁLISE DE INFERÊNCIAS EM VESTIBULARES: O CASO DA UERJ

Antes de procedermos à análise dos nossos dados, decidimos apresentar em um tópico separado: como a UERJ analisa as questões que aplica em seu vestibular. Entendemos que isso poderia contribuir para uma compreensão melhor da proposta da nossa própria análise.

A instituição UERJ, por meio da Revista Eletrônica do Vestibular, disponibiliza as questões comentadas do vestibular da universidade. São apresentados dados de acerto, nível de dificuldade, objetivo, e, principalmente, outras informações referentes aos itens dos programas solicitados, tais como relações semânticas, inferências, argumentação, elementos da narrativa, entre muitos outros. Ao verificarmos as provas dos anos de 2020, 2019 e 2018, de Língua Portuguesa, encontramos sete questões, classificadas pela banca como pertencente ao campo de “inferências”. A título de exemplo e comentário, selecionamos duas delas para apresentação neste trabalho. As duas questões são classificadas como “inferência, pressuposição e subentendido”.

A primeira questão analisada é do ano de 2020, 2º Exame de Qualificação. Ela exige a interpretação de dois textos (ANEXO A) para ser respondida, como se vê na Figura 1, a seguir. Essa foi a questão que obteve o menor índice de acerto (33,49%).

**Figura 2 - Questão 10 comentada**

**QUESTÃO 10** A história da expressão “mar de lama”, relatada por Sérgio Rodrigues, reforça uma ideia apontada no texto **O que nossas metáforas dizem de nós**. Essa ideia está sintetizada na seguinte frase do texto base:

(A) Com frequência são nossa bússola invisível, orientando tanto os gestos instintivos que fazemos como as decisões mais importantes que tomamos. (l. 10-12)

(B) É muito provável que aqueles que concebem a vida como uma cruz e os que a entendem como uma viagem não reajam da mesma forma ante um mesmo dilema. (l. 12-13)

(C) As figurações dão coesão às identidades coletivas, pois circulam sem cessar até se incorporarem à linguagem cotidiana. (l. 20-21)

(D) As boas metáforas nos trazem outras perspectivas, fronteiras menos rígidas e novas categorizações que substituem aquelas já desgastadas. (l. 36-37)

**COMENTÁRIO**

**Eixo interdisciplinar 1:** construção do texto.

**Item do programa 1:** polifonia e intertextualidade.

**Subitem do programa 1:** inferência, pressuposição e subentendido.

**Item do programa 2:** procedimentos de coesão e coerência.

**Subitem do programa 2:** condições de interpretabilidade.

**Objetivo:** exemplificar ideia desenvolvida em um texto por meio de formulação presente em outro texto.

No texto **Com a lama na alma**, Sérgio Rodrigues discute os sentidos atribuídos à expressão “mar de lama” que, segundo o autor, já teria assumido função quase proverbial na sociedade brasileira. Apesar de ter sido muito utilizada pela UDN nas críticas públicas ao governo de Getúlio Vargas, a “paternidade” da expressão fora atribuída ao próprio ex-presidente, em outro episódio histórico. Ao reconstituir o percurso de seu uso e indicar a presença constante das metáforas no cotidiano do debate político e midiático, o autor analisa e comprova a função não apenas textual, mas também social das metáforas, que acabam sendo empregadas na construção de identidades coletivas.

**Gabarito:** C.

**Percentual de acertos:** 33,49%.

**Nível de dificuldade:** médio (acima de 30% e igual ou abaixo de 70%).

**Fonte:** UERJ (2020)

Como pode ser observado, o objetivo da questão foi “exemplificar ideia desenvolvida em um texto por meio de formulação presente em outro texto” (UERJ, 2020, p. 9). Para atingir o objetivo, o candidato precisaria, em primeiro lugar, compreender a ideia geral de um primeiro texto, construindo um sentido para ele, para, depois, checar em qual das alternativas, extraídas de um segundo texto, esse sentido se aproxima.

Como aponta a banca, o texto “Com a lama na alma”, de Sérgio Rodrigues, aborda os sentidos que a expressão ‘mar de lama’ tem na sociedade, e como as metáforas chegam a assumir uma função social. O autor apresenta uma trajetória da expressão ‘mar de lama’, afirmando que se trata de um símbolo para a denúncia de corrupção, ao informar que a expressão foi utilizada nos anos 1950 por Getúlio Vargas e pelo partido UDN (ainda que haja uma confusão de autoria do termo). Além disso, Rodrigues apresenta outros sentidos que a lama possui, como atraso/pobreza para sociedades rurais, criação da vida para povos da antiguidade, morte se relacionado às tragédias de Mariana e Brumadinho. Em dado momento, Rodrigues afirma que “pode parecer que, definitivamente suja, a lama tem o mesmo conjunto de sentidos em qualquer cultura, mas não é assim” (UERJ, 2020, p. 8). Então, se a ‘lama’ não tem o mesmo conjunto de sentidos em qualquer cultura, seria contraditório negar que as metáforas ajudam a

construir as identidades coletivas, tal como sugere a alternativa correta de resposta. Nesse caso, há uma relação de acarretamento entre o texto e a alternativa correta (C) de resposta. Mas, essa constatação depende do texto como um todo, ao levar em conta a discussão a respeito dos vários sentidos que uma expressão pode assumir.

Nas demais alternativas de respostas apresentadas pela questão 10, não há uma relação de acarretamento. A alternativa (A) traz a ideia de que as metáforas orientam nossas decisões, mas, isso não é abordado no texto. Também, o texto não fala sobre dilemas, por isso, não pode acarretar (B). Igualmente, não trata da substituição, desse modo não acarreta (D). Os sentidos trazidos pelas alternativas (A), (B) e (D) não são encontrados no texto de Sérgio Rodrigues, ademais, se for verdade aquilo que consta no texto “Com a lama na alma”, não é necessariamente verdade o que as alternativas apresentam, já que os seus conteúdos não são nele encontrados.

A segunda questão que vamos apresentar é do ano de 2019, 1º Exame de Qualificação, e exige a interpretação de um poema (ANEXO A), conforme pode ser observado a seguir. Essa questão obteve o maior índice de acerto (78,51%), dentre as questões classificadas como inferência, pressuposição e subentendido.

### Figura 3 - Questão 19 comentada

**Questão**  
**19**

Os dois primeiros versos do soneto sugerem uma advertência dirigida aos apaixonados. Com base na leitura do poema, essa advertência se baseia no pressuposto de que a paixão é capaz de provocar estado de:

(A) apatia  
(B) carência  
(C) contrariedade  
(D) vulnerabilidade

#### COMENTÁRIO

**Eixo disciplinar:** construção do texto.

**Item do programa:** polifonia e intertextualidade.

**Subitem do programa:** inferência, pressuposição e subentendido.

**Objetivo:** discriminar ideia pressuposta em uma advertência.

A advertência do poeta sobre “os perigos desta vida para quem tem paixão”, presente nos dois primeiros versos, é reforçada no sétimo verso, quando também se adverte que “é preciso ter cuidado”, apresentando-se o motivo dessa cautela: a proximidade de uma mulher. Trata-se do possível objeto da paixão, a mulher cujos atributos são paradoxais: ela é tão perfeita que a vida não quer, é tão linda que só espalha sofrimento e é tão cheia de pudor que vive nua. Nesse sentido, o estado de paixão aponta para uma situação de perigo, de insegurança, de vulnerabilidade, a que fica submetido quem se apaixona por essa mulher.

**Percentual de acertos:** 78,51

**Nível de dificuldade:** Fácil (acima de 70%)



Realizamos os testes para a questão e, na sequência, pode ser observado o de pressuposição:

- (22) a. São demais os perigos desta vida, para quem tem paixão.  
 b. Não são demais os perigos desta vida, para quem tem paixão.  
 c. São demais os perigos desta vida, para quem tem paixão?  
 d. Se são demais os perigos desta vida, para quem tem paixão, então ...
- (23) A paixão provoca vulnerabilidade.

Podemos perceber com o teste que os primeiros versos do poema pressupõem que há perigos para quem tem paixão. Então, se há perigo, é correto pressupor que a paixão provoca vulnerabilidade. É interessante que a sentença em (22b) pressupõe um estado de vulnerabilidade menor do que em (22a). Então, a “advertência” sugerida pelo enunciado da questão, tem uma proporção diferente entre as sentenças afirmativa e negativa. Mas, o critério para haver a pressuposição, de que a família deve compartilhar o conteúdo, se confirma, ainda que com intensidade diferente.

A relação de acarretamento também ocorre, pois o teste resulta em uma frase contraditória, conforme consta em (24). Nesse contexto, se a paixão provoca perigos, ela também provoca vulnerabilidade, pois alguém vulnerável está suscetível a algum perigo. Conforme o próprio comentário deixado pela banca, em certa parte do poema, há uma advertência de que “é preciso ter cuidado”, reforçando a ideia de perigo e vulnerabilidade.

(24) São demais os perigos desta vida, para quem tem paixão, mas a paixão não provoca vulnerabilidade.

As demais alternativas oferecidas pela questão (apatia, carência e contrariedade) podem ser desconsideradas porque não há informações no poema que levem a crer serem corretas. E a relação estabelecida entre perigo e paixão não é a mesma que entre paixão e apatia ou paixão e carência.

Nas duas questões apresentadas acima existe a inferência semântica, ou seja, o acarretamento. Então, levando em conta essa pequena amostra, existe a possibilidade das questões que iremos analisar exigirem, sobretudo, uma relação de acarretamento entre texto e alternativa correta, ainda que as pressuposições e as implicaturas possam ser encontradas, conforme vimos na questão 19.

Alguns questionamentos também podem ser feitos ao considerarmos as diferenças no índice de acerto das duas questões apresentadas, já que foram a de menor e maior percentual dentro do subitem do programa ‘inferência, pressuposição e subentendido’. É provável que o problema esteja em uma dificuldade de processamento das informações. Na questão 10, se faz

necessária a leitura de dois textos relativamente longos, tendo em vista o contexto em que ela ocorre (momento do vestibular). Além disso, o candidato precisa sintetizar o texto em uma frase, o que exige uma rápida compreensão. Já a questão 19 apresenta uma leitura mais breve (um soneto), e as próprias possibilidades de respostas estão sintetizadas em uma palavra. Nesse caso, o candidato lê menos e pode usar mais tempo para refletir.

Outro ponto a ser considerado, ainda que não seja determinante, se refere à temática dos textos. A de maior índice de acerto trata de um tema relacionado ao âmbito pessoal, enquanto a questão com menos acertos, exige uma contextualização maior, pois aborda os sentidos que algumas expressões assumem na sociedade. Assim como apontam Liberato e Fulgêncio (2010, p. 43), “o conhecimento enciclopédico e mais especificamente o conhecimento a respeito do assunto do texto é que dão suporte e permitem a formulação das expectativas e das inferências”. Isso não impede, claro, que o candidato obtenha êxito em uma questão baseada em um texto curto e com um tema por ele desconhecido, dado que ele terá menos a processar e mais tempo para pensar. Apenas significa que o caminho a ser percorrido para inferir será mais longo, pois, pensando na noção de “esquema”, ele terá disponível em sua memória menos expectativas a respeito dos conceitos presentes no texto.

Na questão 10, há ainda outra circunstância a ser considerada, que é a elaboração da questão. Nesse exemplo entra em jogo o papel do elaborador de criar atividades capazes de testar a habilidade do candidato em relacionar informações de diferentes textos, que poderia ser explorado na questão. Não se trata de uma paráfrase a partir de um material, mas de como o elaborador confrontou dois textos diferentes e identificou um sentido semelhante. O desafio consiste em encontrar esse sentido percebido por outra pessoa, que não necessariamente seria alcançado pelo candidato com a leitura dos textos.

Finalmente, entendemos que a apresentação dessas questões contribui para analisarmos o nosso próprio trabalho. Isso porque, como vimos, as questões podem exigir a mobilização de diferentes conhecimentos e diferentes relações para que consigam optar pela resposta correta. Em especial, a necessidade de encontrarem uma relação de acarretamento entre as alternativas e o texto (a partir da exigência do enunciado) é fundamental para a escolha adequada. Não menos importante é o fato de um vestibular, como a UERJ, colocar a discussão de inferências e subentendidos como tópicos de estudo/cobrança de compreensão, o que só reforça a importância do tema.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é de caráter qualitativo e busca verificar de que forma são explorados os processos inferenciais nas questões objetivas de interpretação textual, dos vestibulares da UFPR, Unicamp e Fuvest. Para cumprir o primeiro objetivo específico, que consiste em uma revisão de literatura sobre o fenômeno das inferências, realizamos uma pesquisa bibliográfica, apresentando os conceitos inferenciais de acordo com a abordagem semântico-pragmático (acarretamento, pressuposição e implicatura), tal como determinado no início do trabalho. Consideramos a hipótese de que as inferências estejam mais relacionadas aos elementos textuais, para evitar dubiedade nas interpretações das questões, por isso, esperamos a ocorrência de acarretamentos e pressuposições, posto estarem ligadas ao aspecto semântico. Contudo, caso identificadas questões que explorem implicaturas, elas poderão compor a seção de análise mais detalhada. A confirmação dos tipos de inferências se pretende por meio dos testes apresentados na seção anterior.

A segunda etapa consistiu na análise das provas, conforme a delimitação. Incluímos os processos seletivos para o ingresso dos anos de 2018, 2019 e 2020. As 9 provas resultaram em um total de 148 questões dentro da seção de Língua Portuguesa. Todas as questões foram verificadas, no intuito de fazermos uma triagem, excluindo aquelas que fogem ao propósito deste trabalho.

A Tabela 1, apresentada na sequência, detalha o número de questões em cada prova e como foram classificadas (todas as questões de interpretação que não constam no corpo do texto estão na seção ANEXOS). Organizamos a tabela em literatura, interpretação e outras. As “outras” são questões sobre pontuação, uso de conectivos, figuras de linguagem, registro formal e informal, entre outros. Optamos por incluir as questões de literatura, porque as provas da Fuvest não possuem uma divisão muito rígida entre as áreas, havendo, por exemplo, perguntas sobre gramática a partir de um fragmento literário. No entanto, as questões literárias não serão selecionadas para análise, pois, mesmo tendo potencial de explorar relações inferenciais, podem requerer a leitura integral dos livros – o que não seria viável levando em conta o tempo de desenvolvimento deste trabalho.

**Tabela 1 - Classificação das questões**

	UFPR			UNICAMP			FUVEST		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Literatura	6	6	6	8	8	7	10	7	9
Outras	5	9	7	4	3	2	4	4	5
Interpretação	7	3	5	4	5	4	3	5	2
Total	18	18	18	16	16	13	17	16	16

**Fonte: Autoria própria**

Logo, chegamos a um total de 38 questões que podem ser analisadas tendo em vista os conceitos apresentados. Diante desse número expressivo, e considerando a extensão adequada desta pesquisa, optamos por selecionar uma questão de cada instituição para uma análise mais detalhada (cada uma será apresentada em uma seção). Apresentamos, após as análises individuais, a análise de outras quatro questões, com o intuito de mostrar tanto modelos diferentes nos exames quanto como mais de um processo inferencial pode aparecer em cada questão. Sobre a escolha das questões que serão analisadas em uma seção individual, em um primeiro momento, houve a possibilidade de selecionarmos aleatoriamente, mas ao analisarmos com mais cuidado, notamos alguns padrões nos certames, que nos guiaram na escolha. Das 15 questões da UFPR, 7 são de um formato de “verdadeiro ou falso”, permitindo que mais de uma das alternativas sejam verdadeiras. Assim, o candidato opta por respostas como “F-V-V-F”, por exemplo. As provas da Unicamp não apresentam nenhuma questão nesse modelo, enquanto a Fuvest, somente uma. Por isso, optamos por uma questão dessa dinâmica da UFPR. Das 13 questões da Unicamp, 4 tiveram a pergunta elaborada a partir de 2 textos. Esse não foi um padrão observado na UFPR e Fuvest (nas questões de interpretação), por isso, optamos por analisar uma desse formato. No caso da Fuvest, escolhemos uma questão elaborada a partir de um anúncio, já que o próprio enunciado afirma haver uma pressuposição a ser selecionada pelo candidato. Não localizamos nenhuma questão da UFPR e Unicamp que explore um conceito de inferência desse modo, por isso julgamos produtivo verificar como o candidato precisa mobilizar esse conhecimento de pressuposição para escolha da resposta.

### 3.1 PROPOSTA DE ANÁLISE: QUESTÃO DA UFPR

A figura abaixo consta no processo seletivo 2019 da UFPR. O texto de referência para a questão é uma resenha publicada no site da Veja, e tem como tema o filme “Ferrugem”. Após o texto, são apresentadas quatro afirmações, nas quais é preciso checar a veracidade. Para essa

verificação, a análise do acarretamento é oportuna, já que a existência desse tipo de inferência ocorre se “a sentença (a) for verdadeira, a sentença (b) também é verdadeira” (CANÇADO, 2008, p. 28). Ainda assim, vamos conferir também as pressuposições.

#### Figura 4 - Questão da UFPR

O texto a seguir é referência para as questões 47 e 48.

##### 'Ferrugem': um ótimo nacional encara o cyberbullying

Um celular perdido, um vídeo viralizado, e Tati, de 16 anos, se vê no meio de um furacão que abalaria qualquer um – e muito mais uma menina a quem ainda falta o equipamento emocional para lidar com uma situação tão drástica de exposição da intimidade e de ostracismo social. Os amigos e amigas vão caindo fora; com os pais, ela não consegue falar. Renet, o garoto com quem ela começava a engatar um flerte quando tudo começou, dá as costas a ela. E Tati, interpretada pela ótima novata Tiffany Dopke, de fisionomia suave e jeitinho cativante, sucumbe à pressão.

'Ferrugem', do diretor Aly Muritiba, é um dos pontos altos de uma safra surpreendentemente boa do cinema nacional nos últimos meses (completada ainda por 'Aos Teus Olhos', 'As Boas Maneiras', 'O Animal Cordial' e 'Benzinho'). Da agitação e cacofonia dessa primeira parte do filme, Muritiba vai, na segunda metade, para um estilo oposto: com atenção e reflexão, acompanha o sofrimento de Renet (o também muito bom Giovanni de Lorenzi) com as consequências do episódio que afetou Tati. Aqui, duas visões morais muito distintas se opõem: a do pai (Enrique Diaz), que quer poupar Renet, e a da mãe (a calorosa Clarissa Kiste), que quer obrigá-lo a enfrentar os fatos.

Maduro, lúcido, muito bem escrito e filmado, 'Ferrugem' está na comissão de frente dos possíveis indicados do Brasil ao Oscar do ano que vem.

(Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tveja/em-cartaz/ferrugem-um-otimo-nacional-encara-o-cyberbullying/>>. Acesso em 31/08/2018.)

47 - Com base no texto, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- ( ) O filme “Ferrugem”, segundo a reportagem apura, concorrerá ao Oscar de melhor filme estrangeiro no ano que vem.
- ( ) O filme “Ferrugem” narra a história de uma menina, Tati, que tem sua intimidade exposta publicamente depois de perder o celular.
- ( ) O filme apresenta duas linhas narrativas: uma agitada e dissonante, e outra, psicológica e reflexiva.
- ( ) O filme “Ferrugem” critica a exposição descuidada dos adolescentes em redes sociais.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- a) F – F – V – V.
- ▶ b) F – V – V – F.
- c) V – F – F – V.
- d) V – V – F – F.
- e) V – F – V – V.

Fonte: UFPR (2018)

A primeira afirmação consiste em que “o filme ‘Ferrugem’, segundo a reportagem apura, concorrerá ao Oscar de melhor filme estrangeiro no ano que vem”. Para verificarmos se essa informação é verdadeira, identificamos no texto o trecho que faz menção ao Oscar e realizamos o teste da negação:

(1) a. ‘Ferrugem’ está na comissão de frente dos possíveis indicados do Brasil ao Oscar do ano que vem.

b. O filme “Ferrugem” concorrerá ao Oscar de melhor filme estrangeiro no ano que vem.

(2) ‘Ferrugem’ está na comissão de frente dos possíveis indicados do Brasil ao Oscar do ano que vem, mas o filme “Ferrugem” não concorrerá ao Oscar de melhor filme estrangeiro no ano que vem.

A frase em (2) não é contraditória, visto que é possível estar na comissão de frente dos possíveis indicados e não ser indicado. Além disso, se a sentença em (1a) for verdadeira, a de

(1b) não precisa necessariamente ser verdadeira, assim como a informação de que o filme concorrerá ao Oscar não está em (1a). Com isso, ao não cumprir nenhuma das definições estabelecidas por Cançado (2008), concluímos a não existência da relação de acarretamento, tratando-se de uma opção falsa.

Na seção destinada à explicação das pressuposições, vimos que elas podem ocorrer sem que ocorra o acarretamento. Conforme apresentamos, o critério para pressupor é que as sentenças afirmativa, negativa, condicional e interrogativa devem tomar como verdade uma sentença (b). Dos membros da família, a ‘negativa’ é a que possui mais força, pois inverte o valor de verdade. Assim, optamos por testar com ela, com a finalidade de economizar espaço, dado que algumas sentenças, principalmente da Figura 3, podem ser longas.

(3) a. ‘Ferrugem’ está na comissão de frente dos possíveis indicados do Brasil ao Oscar do ano que vem.

b. ‘Ferrugem’ não está na comissão de frente dos possíveis indicados do Brasil ao Oscar do ano que vem.

A pressuposição de (3) é que existem filmes brasileiros que podem ser indicados ao Oscar. A frase negativa em (3b) não toma como verdade que ‘Ferrugem’ seja um deles. E, o pressuposto encontrado não se confirma na alternativa em (1b). Portanto, além de não acarretar, igualmente, não pressupõe.

A segunda sentença, em (4), afirma que “o filme ‘Ferrugem’ narra a história de uma menina, Tati, que tem sua intimidade exposta publicamente depois de perder o celular”. Na sequência, em (5), o teste de acarretamento:

(4) a. [No filme “Ferrugem”], um celular perdido, um vídeo viralizado, e Tati, de 16 anos, se vê no meio de um furacão que abalaria qualquer um - e muito mais uma menina a quem ainda falta o equipamento emocional para lidar com uma situação tão drástica de exposição da intimidade e de ostracismo social.

b. O filme “Ferrugem” narra a história de uma menina, Tati, que tem sua intimidade exposta publicamente depois de perder o celular.

(5) [No filme “Ferrugem”], um celular perdido, um vídeo viralizado, e Tati, de 16 anos, se vê no meio de um furacão que abalaria qualquer um - e muito mais uma menina a quem ainda falta o equipamento emocional para lidar com uma situação tão drástica de exposição da intimidade e de ostracismo social, mas o filme “Ferrugem” não narra a história de uma menina, Tati, que tem sua intimidade exposta publicamente depois de perder o celular.

O teste da negação em (5) resulta em uma frase contraditória, por isso, (4a) acarreta em (4b), e a opção é verdadeira. A frase em (4a) não faz referência direta ao filme; essa informação precisa ser recuperada pelo contexto, e pode ser percebida até mesmo pelo título da resenha.

Vamos verificar se além de acarretar, a afirmação também pressupõe. Analisando a frase retirada do texto, as pressuposições identificadas é de que o furacão abalaria qualquer um e que um celular foi perdido e um vídeo viralizado, conforme observado com a negação em (6b):

(6) a. [No filme “Ferrugem”], um celular perdido, um vídeo viralizado, e Tati, de 16 anos, se vê no meio de um furacão que abalaria qualquer um - e muito mais uma menina a quem ainda falta o equipamento emocional para lidar com uma situação tão drástica de exposição da intimidade e de ostracismo social.

b. [No filme “Ferrugem”], um celular perdido, um vídeo viralizado, e Tati, de 16 anos, não se vê no meio de um furacão que abalaria qualquer um - e muito mais uma menina a quem ainda falta o equipamento emocional para lidar com uma situação tão drástica de exposição da intimidade e de ostracismo social.

Dessa forma, há a relação de acarretamento, mas não de pressuposição entre (4a) e (4b). Em (6b), há uma negação de que Tati se vê no meio do furacão, por isso, não pode pressupor (4b).

A terceira afirmativa consiste em: “o filme apresenta duas linhas narrativas: uma agitada e dissonante, e outra, psicológica e reflexiva”. Essa opção é verdadeira e é acarretada de um trecho do texto, conforme pode ser observado no teste da negação em (8):

(7) a. Da agitação e cacofonia dessa primeira parte do filme, Muritiba vai, na segunda metade, para um estilo oposto: com atenção e reflexão, acompanha o sofrimento de Renet.

b. O filme apresenta duas linhas narrativas: uma agitada e dissonante, e outra, psicológica e reflexiva

(8) Da agitação e cacofonia dessa primeira parte do filme, Muritiba vai, na segunda metade, para um estilo oposto: com atenção e reflexão, acompanha o sofrimento de Renet, mas o filme não apresenta duas linhas narrativas: uma agitada e dissonante, e outra, psicológica e reflexiva.

O que a sentença em (7a) pressupõe é a agitação da primeira parte do filme, dado que a frase negativa em (9), não pressupõe a mudança para um estilo diferente, de modo que a relação entre as frases é apenas de acarretamento e não de pressuposição.

(9) Da agitação e cacofonia dessa primeira parte do filme, Muritiba não vai, na segunda metade, para um estilo oposto: com atenção e reflexão, acompanha o sofrimento de Renet.

Por fim, a última sentença é “o filme ‘Ferrugem’ critica a exposição descuidada dos adolescentes em redes sociais”. Para analisar essa opção, verificamos que o texto se limita a apresentar os fatos que ocorrem durante o filme, sem informar sobre as intenções do longa-metragem como um todo. O elemento mais próximo que o texto apresenta a respeito do intuito do filme está no título: “encara o *cyberbullying*”. E mesmo se considerarmos que essa é a pista para avaliar essa alternativa, vemos que não há um acarretamento, porque não é contraditório afirmar que o filme encara o *cyberbullying*, mas não critica a exposição descuidada dos adolescentes em redes sociais. Até mesmo porque o texto não fala em redes sociais, apenas que um celular foi perdido e um vídeo viralizado, e que essa circunstância cria um problema para a personagem. A própria alternativa pressupõe que há uma exposição descuidada dos adolescentes em redes sociais, mas o texto dá a entender que a viralização do vídeo foi intencional, provocada pelo personagem Renet.

A análise da questão da UFPR mostrou que a relação de acarretamento é requerida para encontrar a resposta correta. É provável que isso ocorra por conta do seu modelo, “verdadeiro ou falso”, dado que o próprio acarretamento se configura em uma relação de verdade entre duas sentenças. As pressuposições não estão necessariamente ligadas à resolução, de modo a explorar apenas o aspecto semântico da questão.

### 3.2 PROPOSTA DE ANÁLISE: QUESTÃO DA FUVEST

A questão selecionada da Fuvest, indicada na sequência, integrou o processo seletivo de 2019. O texto para análise trata-se de um anúncio integrante de uma campanha a favor da igualdade das mulheres no mercado de trabalho. A peça publicitária é composta por texto, imagem e o logotipo do Ministério Público do Trabalho. Parte do logotipo está ilegível, por conta do tamanho da tipografia, mas a origem da campanha é identificável pela legenda que acompanha o anúncio, especificando a autoria do Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul. O material original foi concebido em cores, mas foi apresentado na prova em tons de cinza.



**Figura 5 - Questão da Fuvest**

**62**

Examine o anúncio.



Ministério Público do Trabalho no Rio Grande do Sul.

No contexto do anúncio, a frase “A diferença tem que ser só uma letra” pressupõe a

- (A) necessidade de leis de proteção para todos que trabalham.
- (B) existência de desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho.
- (C) permanência de preconceito racial na contratação de mulheres para determinadas profissões.
- (D) importância de campanhas dirigidas para a mulher trabalhadora.
- (E) discriminação de gênero que se manifesta na própria linguagem.

**Fonte: Fuvest (2018)**

A palavra de maior destaque no anúncio é ‘trabalhador(a)’, com a letra final ‘a’ ganhando um realce maior, tanto pelos parênteses, quanto pela tonalidade mais escura. Os blocos de texto da sequência apresentam o intuito da campanha, de promover a igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. A expressão ‘só uma letra’ é destacada por meio da tonalidade do cinza, conectando-se à flexão de gênero também em destaque, para revelar sobre qual letra o trecho se refere. Essa relação, criada através da cor e dos parênteses, enfatiza a mensagem da campanha, deixando claro que a única diferença aceitável é linguística. O fato da palavra ‘trabalhador(a)’ estar em destaque também corrobora essa visão, posto apresentar no mesmo espaço físico/visual dois sentidos diferentes: trabalhador e trabalhadora. Assim como as palavras podem ocupar o mesmo lugar, os trabalhadores e trabalhadoras também podem.

Se há uma campanha voltada a esse tema, é porque pressupõe-se que existe tratamento diferenciado entre homens e mulheres no mercado do trabalho. Isso é identificado, sobretudo, pelo texto: “Uma campanha pela igualdade das mulheres no mercado de trabalho”. Esse trecho contextualiza o leitor em relação ao propósito do anúncio, levando-o a reconhecer a “diferença” mencionada pelo material.

O enunciado da questão afirma existir uma pressuposição na sentença “a diferença tem que ser só uma letra”, e pede ao candidato para identificá-la levando em conta o contexto do

anúncio. Faremos a aplicação do teste da família para analisarmos de acordo com o conceito técnico visto neste trabalho:

- (10) a. A diferença tem que ser só uma letra.  
 b. A diferença não tem que ser só uma letra.

A pressuposição é que há uma diferença, uma vez que a família toma como verdade essa informação. Num primeiro momento, sem o contexto, essa “diferença” poderia ser referente a qualquer coisa. Mas, olhando para o anúncio, a diferença visível é a que aparece nas palavras ‘trabalhador’/‘trabalhadora’, e aliada ao texto “uma campanha pela igualdade das mulheres no mercado de trabalho”, o leitor é direcionado para a ideia de que há diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

A alternativa “A” afirma que a pressuposição é a “necessidade de leis de proteção para todos que trabalham”. Essa não é a resposta correta, primeiro, porque o anúncio não cita leis; segundo, porque essa opção não leva em conta a diferença pressuposta no enunciado. Para chegar próximo a esse sentido, seria necessário um conhecimento prévio de que as trabalhadoras não são protegidas pelas leis (algo que não é verídico). Ademais, essa opção pode ser até mesmo entendida como uma implicatura, em que partindo da ideia de que há uma diferença, o leitor completaria o sentido com a conclusão de que são necessárias leis para quem trabalha. Mas, o que está sendo cobrado é o pressuposto, por isso, não pode ser considerada a resposta correta.

Na alternativa “A” também não há uma relação de acarretamento, uma vez que não cumpre os requisitos. A necessidade de leis de proteção não está contida em “a diferença tem que ser uma letra”; nem mesmo na frase de contextualização, porque afirmar que se trata de uma campanha pela igualdade das mulheres, não contém a informação de que são necessárias leis.

A afirmação “B” propõe que a pressuposição seria a “existência de desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho”. Relacionando ao contexto, é identificável que se trata da opção correta. Um elemento importante da contextualização e que nos leva a identificar a resposta é o texto “uma campanha pela igualdade das mulheres no mercado de trabalho”. Logo, se há uma diferença, e a campanha é em favor da igualdade das mulheres, aquilo que é prévio e tomado como verdade, é a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. O anúncio defende que a diferença deve ser somente de uma letra, ou seja, na língua e não nos espaços ocupados pelos trabalhadores e trabalhadoras.

A análise do acarretamento na opção “B” aponta que essa relação também ocorre. Vamos ao teste:

(11) a. A diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho tem que ser só uma letra.

b. Existe desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

(12) A diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho tem que ser só uma letra, mas não existe desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

Em um primeiro momento, poderíamos considerar que não acarreta ao olharmos a frase isoladamente. Essa análise se basearia na expressão ‘tem que ser’; nela é dito que deve/precisa ser, não que há uma desigualdade além dela. Entretanto, precisamos considerar o anúncio como um todo, e nele consta a informação de que a busca é pela igualdade, mostrando que o texto assume que ainda não há igualdade (a diferença não é apenas na palavra). Desse modo, o teste em (12) apresenta uma contradição, confirmando o acarretamento.

A opção “C” sugere que a pressuposição seria a “permanência de preconceito racial na contratação de mulheres para determinadas profissões”. O material publicitário não menciona preconceito racial, por isso, essa não pode ser a resposta correta. A fotografia da mulher negra poderia induzir a essa resposta, mas com a análise do texto verbal não há como sustentar essa perspectiva. Além disso, o anúncio não fala de “determinadas profissões”, mas do mercado de trabalho como um todo.

A resposta “D” levanta a possibilidade da frase pressupor a “importância de campanhas dirigidas para a mulher trabalhadora”. No entanto, a campanha é dirigida para todos. A própria palavra em destaque ‘trabalhador(a)’, pode ser entendida como um vocativo direcionado ao trabalhador e à trabalhadora. A presença da foto de uma mulher poderia sugerir a tentativa de se comunicar com o público trabalhador feminino, mas, do mesmo modo, pode sinalizar um esforço para que o público em geral a reconheça como trabalhadora. Em todo caso, a imagem não é determinante para essa leitura, e os elementos linguísticos não levam a inferir a proposição de “D”.

A sugestão “E” aponta a “discriminação de gênero que se manifesta na própria linguagem” como pressuposição. A pressuposição precisa evocar um conhecimento tomado como verdade a partir de uma sentença. Nesse caso, há diferença tanto nas palavras ‘trabalhador’/‘trabalhadora’, quanto na vivência dos homens e das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, o anúncio destaca e aceita a diferença da língua, e solicita o reconhecimento da outra diferença – que é a justificativa da campanha.

Do ponto de vista estritamente semântico, existe uma relação de acarretamento, conforme pode ser observado a seguir:

(13) a. A diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho tem que ser só uma letra.

b. A discriminação de gênero [que] se manifesta na própria linguagem.

(14) A diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho tem que ser só uma letra, mas a discriminação de gênero [que] não se manifesta na própria linguagem.

Neste caso, como a sentença em (13a) afirma que a diferença “tem que ser só uma letra”, ela determina a possibilidade de existir na língua, então, não podemos aceitar que a diferença não se manifesta na linguagem. Dessa forma, a frase (14) é contraditória.

A questão selecionada da Fuvest tem como característica solicitar o reconhecimento da pressuposição, conforme consta no próprio enunciado. A relação de acarretamento foi encontrada em mais de uma alternativa, por isso, não determina a escolha correta. Nesse sentido, foi requisitado um conhecimento prévio, mas identificável por meio da contextualização oferecida.

### 3.3 PROPOSTA DE ANÁLISE: QUESTÃO DA UNICAMP

A questão selecionada da Unicamp, apresentada a seguir, foi solicitada no processo seletivo para o ano de 2020. Nela, constam dois textos sobre o mesmo tema para servir de base para o enunciado. O texto I é um *tweet*, publicado pela conta Go Equal, composto por texto e imagem. O texto II é um fragmento de uma notícia publicada no site Hypheness. Esses textos abordam a ação da atleta Marta, que jogou uma partida de futebol com chuteiras com um símbolo pela equidade no esporte.

Figura 6 - Questão da Unicamp

**QUESTÃO 67****Texto I**

Go Equal @GoEqual\_13 de jun  
 #BRAXAUS não é a única rivalidade que as mulheres têm de enfrentar no esporte hoje. Marta está jogando com uma chuteira sem patrocínio e com um símbolo pela equidade no esporte.

**Texto II**

O que levou Marta, seis vezes a melhor do mundo, a enfrentar a Austrália de chuteiras pretas? Adianta, não foi o futebol "raiz". Marta não fechou patrocínio com nenhuma das gigantes do mercado esportivo. Não recebeu nenhuma proposta à altura do seu futebol. Isso diz muito sobre o machismo no esporte. A partir disso, a atleta decidiu calçar a luta pela diversidade.

(Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2019/06/chuteira-sem-logo-e-com-simbolo-de-igualdade-de-genero-foi-mais-um-golaco-de-marta/>. Acessado em 18/06/2019.)

Considerando o *tweet* e o texto acima, é correto afirmar que a atleta

- a) enfrentou o time adversário com chuteiras pretas, mesmo que não tenha sido influenciada pelo futebol "raiz".
- b) usou chuteiras sem logotipo e luta pela igualdade de gênero no esporte, mesmo sendo considerada seis vezes a melhor do mundo.
- c) não recebeu patrocínio de nenhuma grande empresa, embora a chuteira preta sem logotipo simbolize o futebol "raiz".
- d) optou por lutar contra o machismo no esporte, embora as propostas de patrocínio não tenham considerado seu valor.

**Fonte: Unicamp (2019)**

O texto I apresenta um elemento típico de redes sociais, a *hashtag*, indicando o evento no qual ocorreu o protesto da jogadora, que foi o jogo do Brasil contra a Austrália. A abreviação, “#BRAXAUS”, precisa ser entendida pelo leitor, por fazer parte da contextualização. Já na primeira frase do *tweet*, há uma expressão que é desencadeadora de pressuposição. Cançado (2008) afirma que construções clivadas, formadas com “não foi... que”, são exemplos de quando isso ocorre. Por isso, vamos aplicar o teste:

- (15) a. #BRAXAUS não é a única rivalidade que as mulheres têm de enfrentar no esporte hoje.
- b. #BRAXAUS é a única rivalidade que as mulheres têm de enfrentar no esporte hoje.

Logo, tecnicamente, o que se pressupõe da primeira frase é que as mulheres enfrentam rivalidade no esporte hoje. Essa pressuposição se refere a um conhecimento prévio existente, compartilhado tanto pelo redator do *tweet*, quanto pela jogadora. Do contrário, a informação veiculada na rede social poderia ser algo como: “Por que Marta usou essas chuteiras? As mulheres não enfrentam nenhuma rivalidade”. Do mesmo modo, o leitor, ao se deparar com essa frase, precisa assumir como verdade essa informação prévia e associá-la ao que se segue: “Marta está jogando com uma chuteira sem patrocínio e com um símbolo pela equidade no esporte”. É o conhecimento a respeito do modo como as mulheres são vistas no esporte em relação aos homens, a justificativa do uso de um símbolo de equidade.

O texto II, semelhantemente, apresenta uma construção desencadeadora de pressuposição: “Adianta, não foi o futebol ‘raiz’”. Nesse caso, é necessário recuperar o complemento na frase anterior. Faremos o teste para verificarmos a pressuposição:

(16) a. Não foi o futebol “raiz” que levou Marta a enfrentar a Austrália de chuteiras pretas.

b. Foi o futebol “raiz” que levou Marta a enfrentar a Austrália de chuteiras pretas.

O que se pressupõe em (16) é que Marta enfrentou a Austrália de chuteiras pretas. Conforme já visto, essa informação precisa ser verdade para a afirmação fazer sentido. No caso das chuteiras, a própria foto do texto I “confirma” a informação, pois o conhecimento sobre a cor da chuteira não foi dado verbalmente, somente por meio da imagem. Então, o leitor precisa reconhecer que as “chuteiras pretas” e “chuteira sem patrocínio e com um símbolo pela equidade” se referem ao mesmo elemento. Na sequência, o texto II informa sobre a ausência de patrocínio, a existência do machismo no esporte e a luta da atleta.

O enunciado solicita que o candidato marque a opção correta levando em conta a leitura dos dois textos. As quatro opções de respostas possuem uma estrutura semelhante. Elas apresentam informações, que podem ser confirmadas pelos materiais oferecidos, relacionando essas informações por meio de conectivos. Considerar os conectivos é indispensável para a interpretação, tal como ocorre nas implicaturas convencionais.

Na opção “a”, a afirmação é de que “a atleta enfrentou o time adversário com chuteiras pretas, mesmo que não tenha sido influenciada pelo futebol ‘raiz’”. A informação de que a jogadora usou chuteiras pretas é verdadeira, pois, está explícita no texto II. O conectivo ‘mesmo que’ estabelece uma relação entre usar chuteiras pretas e o futebol “raiz”, como se a chuteira representasse esse futebol e tivesse sido usado com outra finalidade. Isso não é negado, pois no texto II consta que o futebol “raiz” não teria sido a motivação da atleta, não impedindo que

possa ser usada com esse propósito. Todavia, esse não é foco do material apresentado, sendo que no texto I não há nenhuma menção a isso. Por essa razão, não se trata da resposta correta.

A opção “b” afirma que “a atleta usou chuteiras sem logotipo e luta pela igualdade de gênero no esporte, mesmo sendo considerada seis vezes a melhor do mundo”. Olhando separadamente cada informação, verificamos que ou estão explícitas nos textos, ou expressam uma relação de acarretamento. Primeiramente, o fato de que “a atleta usou chuteiras sem logotipo” pode ser confirmado em trecho do texto I: “Marta está jogando com uma chuteira sem patrocínio”. O teste da negação resulta em uma frase contraditória:

(17) Marta está jogando com uma chuteira sem patrocínio, mas a atleta não usou chuteiras sem logotipo.

A segunda informação, de que “a atleta luta pela igualdade de gênero no esporte”, é também verdadeira, pois o texto II afirma que ela calçou “a luta pela diversidade”, enquanto o texto I explicita que ela usou o símbolo pela equidade no esporte. Já a informação de que ela foi considerada seis vezes a melhor do mundo é igualmente verdadeira e está explícita no texto II.

A conjunção ‘mesmo sendo’, estabelece uma implicatura convencional, com a indicação de que com a distinção de ser considerada seis vezes a melhor do mundo, ela deveria conseguir patrocínio e ser vista como uma atleta de elite. Essa inferência ratifica o que os textos colocam. Principalmente o texto II, ao afirmar que a atleta “não recebeu nenhuma proposta à altura do seu futebol”. O futebol de Marta é tratado no texto como algo grandioso e a única explicação para que ela não seja patrocinada é o machismo. Essa opção, portanto, é correta, em virtude da implicatura e da veracidade das informações.

A alternativa “c” afirma que a atleta “não recebeu patrocínio de nenhuma grande empresa, embora a chuteira preta sem logotipo simbolize o futebol ‘raiz’”. A primeira informação está correta, e é encontrada no texto II: “Marta não fechou patrocínio com nenhuma das gigantes do mercado esportivo”. Quanto ao que simboliza a chuteira preta, é verdade que também pode simbolizar o futebol “raiz”, mas os textos a tratam como o símbolo da luta por igualdade.

O conectivo ‘embora’ é responsável por inferir que o fato da chuteira simbolizar o futebol “raiz”, deveria ser motivo para a atleta receber patrocínio. Na verdade, a atleta deveria ter patrocínio por conta da qualidade do seu futebol. Desse modo, “c” é uma resposta incorreta.

Finalmente, na afirmação “d” consta que a atleta “optou por lutar contra o machismo no esporte, embora as propostas de patrocínio não tenham considerado seu valor”. É verdadeiro que a atleta lutou contra o machismo, pois fez uso do símbolo pela equidade. Inclusive, o texto

II afirma que ela “calçou a luta”, dando a ideia de que o uso das chuteiras é a forma como ela lutou. A informação de que “as propostas de patrocínio não tenham considerado seu valor”, dá a entender que ela recebeu propostas, mas aquém do merecido pela qualidade do seu trabalho. Essa informação pode ser considerada verdadeira por conta do que consta no texto II: “Não recebeu nenhuma proposta à altura do seu futebol”. Esse excerto não afirma que ela não recebeu proposta, mas que elas não estavam a sua altura. Nesse caso, o conectivo ‘embora’ estabelece uma conexão entre as informações que não se confirma pelos textos. ‘Embora’ implica que o fato das propostas não considerarem seu valor, poderia ser motivo para Marta não lutar contra o machismo. Essa interpretação não condiz com o apresentado nos textos, pois é justamente a ausência de propostas adequadas que a levaram a lutar.

A análise desta questão mostra que a identificação das implicaturas convencionais foi essencial para encontrar a resposta correta. Olhar apenas a veracidade das informações, pode levar a um equívoco, como pode ocorrer em “d”. Das instituições analisadas, a Unicamp é a única que divulga o desempenho dos candidatos. Nesta questão, o índice de acerto foi de 66,43% (UNICAMP, 2020), mostrando que a maioria conseguiu fazer uma leitura adequada ao contexto. A alternativa “a” obteve 9,92% das respostas, a “c”, 1,60% e a “d”, 21,97% (UNICAMP, 2020). A segunda maior escolha foi, portanto, da opção que apresenta informações verdadeiras, mas as relaciona de forma equivocada, significando que uma parcela dos candidatos não levou em conta o sentido dado pelo conectivo.

### 3.4 AS INFERÊNCIAS NOS PROCESSOS SELETIVOS

A análise apresentada nas seções anteriores teve como objetivo mostrar que podem ser encontrados os acarretamentos, as pressuposições e as implicaturas. Apesar disso, a verificação do corpus demonstra uma tendência geral da maior parte das questões explorarem os acarretamentos na relação entre os textos apresentados e a resposta correta. Verificamos as demais questões selecionadas e chegamos a essa tabela:

**Tabela 2 - Quadro geral**

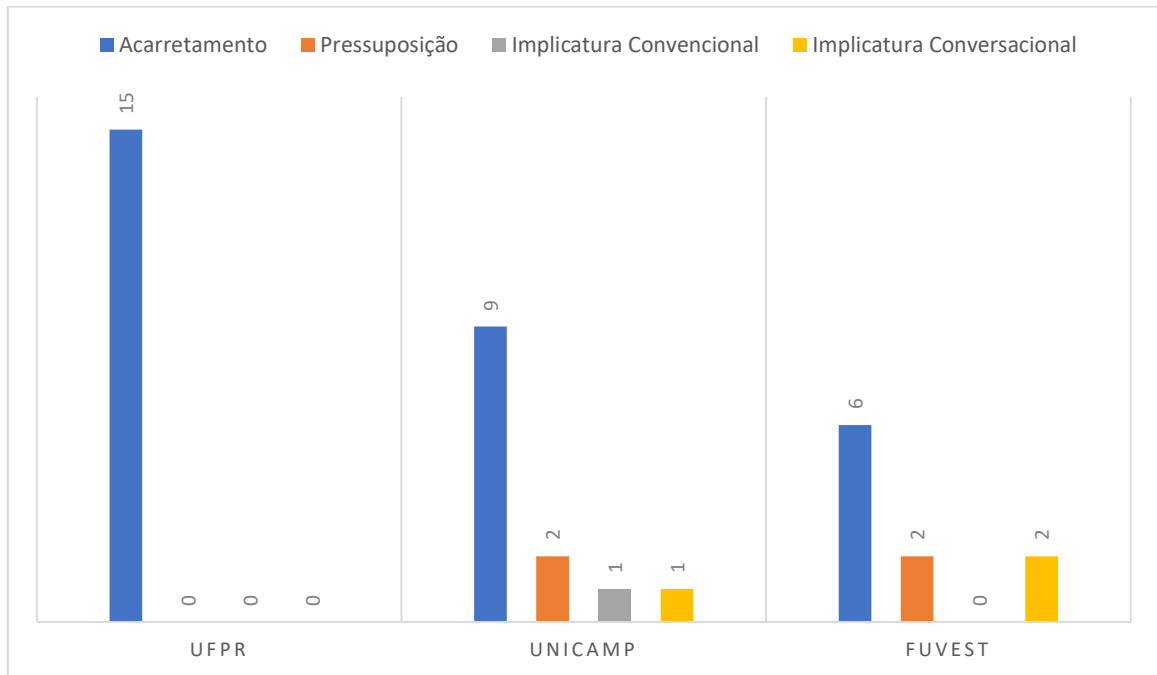
<b>Tipo</b>	<b>Quantidade</b>
Acarretamento	30
Pressuposição	4
Implicatura Convencional	1
Implicatura Conversacional	3

**Fonte: Autoria própria**



Os acarretamentos representam a maior parte, mas cada instituição tem um padrão diferente, como pode ser observado no gráfico a seguir:

**Gráfico 1 - Inferências nos vestibulares**



**Fonte: Autoria própria**

Conforme demonstramos nas análises das seções anteriores, podem ser encontrados mais de um tipo de inferência em cada questão. No caso da Unicamp, por exemplo, vimos o desencadeamento de pressupostos na leitura dos textos, a checagem das informações, por meio do acarretamento, e as implicaturas convencionais geradas pelos conectivos. Como julgamos que naquele caso eram os conectivos que orientavam na escolha da resposta, a classificamos como implicatura convencional. Em função disso, os números apresentados acima não necessariamente limitam ao fenômeno inferencial indicado, mas o situa como o principal.

Outros casos semelhantes são encontrados. Vejamos um exemplo a seguir, da prova da Unicamp, do ano de 2019:

**Figura 7 - Questão Unicamp 2019**



(Disponível em <https://www.facebook.com/Sebolinerante/photos/>. Acessado em 28/05/2018.)

"Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo do bom senso e do senso comum."

(Adaptado de "Franz Kafka, carta a Oscar Polak, 1904." Disponível em <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/>. Acessado em 29/05/2018.)

Assinale o excerto que confirma os dois textos anteriores.

- a) A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – professores, bibliotecários – desempenham um papel político. (Marisa Lajolo)
- b) Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização, há aumento sensível do hábito de leitura, e portanto difusão crescente das obras. (Antonio Candido)
- c) Ler é abrir janelas, construir pontes que ligam o que somos com o que tantos outros imaginaram, pensaram, escreveram; ler é fazer-nos expandidos. (Gilberto Gil)
- d) A leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, por que não sonhar os meus próprios sonhos? (Fernando Pessoa)

**Fonte: Unicamp (2018)**

No primeiro texto “abrir a cabeça” e “usar um machado” estão em sentido figurado, então produzem implicaturas. Segundo Costa (2009), a máxima de qualidade está relacionada com a veracidade das informações. Diante disso, vemos que houve a quebra dessa máxima, pois o texto não se refere aos sentidos literais. Os sentidos são dados no próprio texto: ler um bom livro/ler Machado de Assis. Portanto, “abrir a cabeça”, nessa circunstância, está relacionado à leitura. Ao solicitar que o candidato marque a opção que confirma os textos, entra em jogo uma relação de verdade entre duas sentenças; nesse caso, sobretudo, expresso pelo verbo ‘abrir’. O teste da negação resulta no seguinte: ler abre a cabeça, mas ler não abre janelas (citamos as janelas porque aparecem na opção “c”, a correta). As duas expressões tratam de uma abertura para novas ideias, por isso, o teste é contraditório. Outros elementos se relacionam, como a ideia de os livros nos trespassarem, em comparação com a leitura nos expandir. Nas demais

alternativas, são levantados temas que não aparecem nos textos: a leitura como processo político, igualitarização, sonhos. Em função disso, classificamos essa questão no campo do acarretamento.

Geralmente textos como tirinhas/charges/cartuns exploram implicaturas conversacionais. Mas, nem sempre, somente as implicaturas são responsáveis pela escolha da resposta.

**Figura 8 - Questão Unicamp 2020**

**QUESTÃO 64**

**Texto I**

Os idiomas e suas regras são coisas vivas, que vão se modificando de maneira dinâmica, de acordo com o momento em que a sociedade vive. Um exemplo disso é a adoção do termo “maratonar”, quando os telespectadores podem assistir a vários ou a todos os episódios de uma série de uma só vez. Contudo, ao que parece, a plataforma Netflix não quer mais estar associada à “maratona” de séries. A maior razão seria a tendência atual que as gigantes da tecnologia têm seguido para evitar o consumo excessivo e melhorar a saúde dos usuários.

(Adaptado de Claudio Yuge, “Você notou? Netflix parece estar evitando o termo ‘maratonar’.” Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/internet/133690-voce-notou-netflix-parece-evitando-termo-maratonar.htm>. Acessado em 01/06/2019.)

**Texto II**



(Disponível em <http://www.willtirando.com.br/anesia-417/>. Acessado em 01/06/2019.)

Embora os dois textos tratem do termo “maratonar” a partir de perspectivas distintas, é possível afirmar que o Texto II retoma aspectos apresentados no Texto I porque

- esclarece o significado do neologismo “maratonar” como esforço físico exaustivo, derivado de “maratona”.
- deprecia a definição de “maratona” como ação contínua de superação de dificuldades e melhoria da saúde.
- reflete sobre o impacto que a falta de exercícios físicos e a permanência em casa provocam na saúde.
- menospreza o uso do termo “maratonar” relacionado a um estilo de vida sedentário, antagônico a maratona.

**Fonte: Unicamp (2019)**

A Figura 8 contém uma implicatura na tirinha, no segundo quadro, quando a palavra ‘maratonou’ é marcada entre aspas. O que ocorre nos quadros da sequência, é a explicação vinda da própria personagem para o seu aparente menosprezo, sinalizado pelo “hunf” e por sua

expressão facial. Ao analisarmos as alternativas de resposta, vemos que existe uma relação de acarretamento:

(18) a. Sou do tempo em que maratona significava prova de resistência e esforço físico, e não ficar o dia todo no sofá vendo TV, mas o termo “maratonar” não está relacionado a um estilo de vida sedentário, antagônico a maratona.

Nesse caso, o teste em (18) é contraditório, por isso, essa questão foi classificada como acarretamento. As demais alternativas não acarretam.

Mas as implicaturas podem ser solicitadas em algumas questões. Vejamos um exemplo da Fuvest de 2018:

**Figura 9 - Questão Fuvest 2018**

**69**

Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo. 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- (A) semelhança entre a língua de origem e a local.
- (B) falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- (C) falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- (D) discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- (E) incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

**Fonte: Fuvest (2017)**

Os elementos visuais do cartum indicam que os personagens não se encontram no Brasil. Assim, o início da frase proferida pelo personagem leva o leitor a prever que eles estejam perdidos, já que cita o GPS. Contudo, alguns elementos são responsáveis por não efetivar essa previsão: as aspas, sinalizando que o termo ‘localização’ está sendo utilizado com outro sentido; a palavra ‘lingüística’. Com isso, uma implicatura é gerada. Essa implicatura é responsável pelo humor do texto, e a questão cobra justamente isso. Então, o candidato precisa entender onde foi gerado um sentido não esperado, presente na relação entre o lingüístico e a “localização”. Essa questão foi classificada como implicatura conversacional.

Algumas questões foram encontradas seguindo o seguinte modelo:

### Figura 10 - Questão UFPR 2018

06 - As expressões 'cidadãos prestantes' e 'instância de intermediação', no segundo parágrafo, podem ser interpretadas, segundo o contexto de ocorrência, respectivamente, como:

- a) 'pessoas que têm crenças religiosas' e 'foro oficial'.
- b) 'indivíduos que prestam serviços' e 'lugar de recurso'.
- ▶ c) 'cidadãos que se distinguem na sociedade' e 'nível de mediação'.
- d) 'cidadãos que são prestativos' e 'intermediários eventuais'.
- e) 'pessoas que protestam contra injustiças' e 'nível intermediário'.

Fonte: UFPR (2017)

Elas foram consideradas questões que exploram o acarretamento, visto que o candidato precisa analisar se a frase do texto continua sendo verdadeira com as expressões sugeridas nas alternativas. As respostas erradas não ocasionam em contradições. Por exemplo, é possível que os cidadãos sejam prestantes, mas não sejam pessoas que protestam contra injustiças; não seria contraditório, por isso, nesse caso, “e” é incorreta.

Em vista do exposto acima, a indicação de que as inferências semânticas estão mais presentes, se guia no fato de que grande parte das questões exigem uma checagem de informação, uma relação de verdade. Mas, isso não impede que outros processos inferenciais sejam requisitados durante a leitura.

### 3.5 OUTRAS DISCUSSÕES

A análise das provas nos possibilitou perceber alguns padrões. Várias questões da UFPR têm por base textos relativamente longos, alguns com mais de 300 palavras, sendo o maior de 539 palavras. A título de comparação, nas provas da Fuvest os textos não passam de 150 palavras, e da Unicamp, 200. Como vimos o baixo índice de acerto em uma questão da UERJ, na qual é exigida maior quantidade de leitura, existe a possibilidade das provas da UFPR levarem o candidato a cometer erros, considerando o tamanho maior dos textos.

Ainda em relação a UFPR, as provas não exploram como esperado textos multissemióticos, tendo apenas 1 texto com elementos não verbais (uma tira), na seção de Língua Portuguesa e Literatura. Em comparação, a Fuvest apresentou 4 e a Unicamp 9. Nesse sentido, esse vestibular está mais focado em checar a leitura de textos verbais do candidato. Ao levar em conta apenas esse aspecto, nota-se um certo distanciamento da concepção de leitura apresentada na BNCC. Isso não é um impedimento para o uso em sala de aula, uma vez que não se trata de restringir o estudo de textos verbais, mas ampliar o repertório leitor, abarcando textos formados por diferentes linguagens.

Wolf (2019) afirma que um dos processos para chegar a uma leitura profunda é a mobilização do conhecimento de fundo. Esse conhecimento pode interferir na escolha da resposta correta das questões, como é o caso da questão da Fuvest (Figura 5), que explora a pressuposição. A alternativa “C” cita o preconceito racial na contratação de mulheres no mercado de trabalho. Esse é um problema existente na sociedade e os candidatos podem ter essa informação memorizada como conhecimento de fundo. Aliado à imagem da campanha (uma mulher negra), trata-se de uma resposta que poderia muito bem ser marcada. Para encontrar a resposta correta, é preciso estar atento ao enunciado, principalmente a indicação inicial “no contexto do anúncio”, e fazer uma leitura atenta ao material oferecido como base. Mais do que conhecimento fundo, o conhecimento linguístico é checado nos vestibulares, além da interpretação correta da orientação dada no enunciado.

Schmitz (2018) analisou as perguntas de compreensão textual de um livro didático com base na tipologia de perguntas elaborada por Marcuschi. A autora constatou a ocorrência de perguntas que exigem a cópia de trechos de um texto (uma atividade mais mecânica), em geral, previamente às questões inferenciais, “visto que direcionam a leitura do aluno para a percepção de elementos constitutivos de cada gênero a ser apresentado” (p. 34). A partir dessa pesquisa, surge a possibilidade das questões nos vestibulares que exploram relações inferenciais estarem associadas a outras questões. De acordo com o corpus analisado, o uso de várias perguntas sobre o mesmo texto é mais recorrente nas questões da UFPR (embora não exclusivo). Diferente do que identificou Schmitz (2018) no livro didático, as demais questões não costumam estar associadas às que exploram relações inferenciais. Na maioria das vezes, inclusive, a primeira pergunta já é inferencial, como pode ser observado no exemplo apresentado no ANEXO E. Podemos atribuir a isso o fato dos vestibulares estarem testando a leitura dos candidatos. Na escola, com o auxílio dos livros didáticos, os alunos estariam desenvolvendo habilidades, o que justifica oferecerem maior orientação, em uma espécie de passo a passo. No processo seletivo, esse procedimento teria que estar internalizado, para que o candidato, de forma autônoma, possa identificar/selecionar trechos relevantes que o auxiliem a estabelecer as inferências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho cumpriu o objetivo de verificar como são explorados os processos inferenciais nas questões objetivas das provas delimitadas no início da pesquisa. Com as análises, confirmamos a ocorrência dos conceitos de inferências apresentados na revisão de literatura (acarretamentos, pressuposições, implicaturas); e, sobretudo, identificamos que na resposta correta ocorre com maior frequência a relação de acarretamento. Há uma predominância de uma relação de verdade entre o texto e a resposta certa, sendo que as demais alternativas podem até ser implicaturas, mas são canceláveis e, por isso, não correspondem a veracidade que em muitos casos precisa existir para evitar que a questão seja anulada.

Há a tendência de considerarmos o acarretamento como a inferência mais facilmente perceptível, pois explora informações explícitas do texto. No entanto, ao analisarmos as questões, notamos que essa relação pode apresentar graus de dificuldade, dado que as informações podem estar distribuídas em diferentes frases ao longo do texto; podem ser necessárias outras inferências para atribuir sentido - fato que em um momento de estresse, como a aplicação da prova, é passível de erro. O candidato precisa ter tanto uma visão global do texto, quanto saber selecionar detalhes para poder checar as alternativas oferecidas.

Com as três instituições selecionadas para análise neste trabalho, pudemos apresentar modelos diferentes de questões. Além das questões, a própria concepção de cada prova segue um padrão diferente, como a UFPR, por exemplo, que separa totalmente as questões de literatura das de Língua Portuguesa, em oposição a da Fuvest, que opta por não distinguir as áreas. Desse modo, a nossa seleção cumpriu o propósito de verificar modelos diferentes de materiais. Ademais, uma possibilidade de pesquisa futura pode incluir as provas do Enem, um exame de alcance nacional, de grande importância, e que também cabe verificar qual processo inferencial é mais requisitado nas questões de interpretação.

Algumas questões se destacam por ter um padrão diferente das demais. A questão da Figura 24, no Anexo C, explora pressupostos. Tanto o livro de Thoreau (conforme consta na introdução), quanto o meme, tratam da pressuposição de uma justificativa e da existência de um poder (governo/pais da criança). De um lado, a desobediência civil justificada pelas leis ou atos governamentais injustos; de outro, a desobediência da criança, justificada pela letra da canção. O solicitado é que o candidato reconheça o motivo do humor, e, nesse caso, vem da comparação das situações não equivalentes. A pressuposição não é o que está descrito na alternativa, mas aquilo que é tomado como verdade para a desobediência existir - autoridade e justificativa. O leitor precisa perceber a comparação das duas circunstâncias descritas. Esse

exemplo nos mostra que os processos inferenciais podem aparecer de forma mais complexa, sugerindo, até mesmo, que tais questões possam ser mais estudadas.

A nossa hipótese de que a ocorrência de acarretamentos e pressuposições seriam mais exploradas do que as implicaturas, em parte, se confirma, dado que as pressuposições não aparecem muito, ganhando maior destaque os acarretamentos. Conforme já indicamos, essa análise se pauta no processo inferencial que guia a escolha da resposta correta, não impedindo que outras inferências sejam mobilizadas para a leitura dos textos. Em todo caso, a alternativa não pode ser cancelada (porque a questão poderia ser anulada), e o cancelamento é uma propriedade das pressuposições e implicaturas conversacionais. Desse modo, quando elas são exploradas, existe uma contextualização que dificulta interpretações diferentes ou cancelamentos. As questões que exploram implicaturas, por exemplo, apresentam informações visuais importantes, de modo a evitar que múltiplos sentidos possam ser inferidos.

A análise realizada demonstra que todos os processos inferenciais apresentados neste trabalho são explorados nos vestibulares. Logo, se estamos partindo do princípio de que as questões são parâmetros para identificar um bom nível de leitura, fica clara a importância do estudo desses fenômenos. Como apontamos no início deste trabalho, o estudo das questões não deve ter o intuito de preparar o aluno para os processos seletivos, mas de serem usados como material de discussão linguística. Os textos em que se baseiam as perguntas dos vestibulares são de gêneros que circulam amplamente na sociedade, então, nada mais oportuno do que os discutir, chamando a atenção para elementos verbais e não verbais. Em especial, considerando a grande ocorrência de acarretamentos, nota-se a importância de dar destaque em sala de aula para o tema das paráfrases. Treinar a escrita de um texto desencadeado de outro, é uma maneira de guiar a leitura e percepção da relação de verdade entre dois textos.

Os diferentes fenômenos inferenciais presentes nas questões aparecem, em alguns casos, de forma conjunta. Para o leitor compreender, é necessário habilidade e treinamento. Isso não significa que os conceitos de inferência devam ser estudados isoladamente e com a nomenclatura técnica na educação básica. Mas é essencial que sejam tópicos de ensino em algum momento, para que os alunos possam se familiarizar e entender o caminho para responder esse tipo de questão. Levando em conta o grande número de acarretamentos, e que em muitos casos as paráfrases exploram o conhecimento vocabular, é importante que esse tema seja discutido em sala de aula. A BNCC não relaciona o tema das inferências com a ampliação lexical, no entanto, sem atrelar esses dois conteúdos, os alunos podem encontrar dificuldades na formulação das inferências semânticas.



Conforme indicado na primeira seção, a inferência é um dos processos da leitura profunda; por essa razão, esse tema deve ser estudado para que possa ser ensinado. De acordo com Wolf (2019), “ler é algo que tem que ser aprendido. Isso significa que precisamos de um ambiente que nos ajude a desenvolver e conectar um sortimento complexo de processos básicos e não tão básicos, de modo que cada jovem cérebro possa formar seu próprio circuito de leitura novo em folha” (p. 28). Esperamos que esta pesquisa venha reforçar esse olhar sobre a importância da leitura.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 2 jun 2021.
- BRASIL. **Relatório Brasil no Pisa 2018**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/relatorio\\_brasil\\_no\\_pisa\\_2018.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf)>. Acesso em: 2 jun 2021.
- BRASIL. **Relatório SAEB 2017**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/relatorio\\_saeb\\_2017.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_saeb_2017.pdf)>. Acesso em: 2 jun 2021.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- COMVEST. **Manual do candidato**: Unicamp vestibular 2018. 2017. Disponível em: <[https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/02/manual\\_2018.pdf](https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/02/manual_2018.pdf)>. Acesso em: 12 jun 2021.
- COSTA, J. C. A Teoria Inferencial das Implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 12-17, jul./set. 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5758/4178>>. Acesso em: 12 jun 2021.
- FUVEST. **Fuvest 2020**: Manual do candidato. 2019. Disponível em: <[https://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/FUVEST2020\\_ManualdoCandidato.pdf](https://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/FUVEST2020_ManualdoCandidato.pdf)>. Acesso em: 12 jun 2021.
- FUVEST. **Fuvest 2018**. 1ª Fase - Prova de conhecimento gerais. 2017. Disponível em: <[https://acervo.fuvest.br/fuvest/2018/fuv2018\\_1fase\\_prova\\_V.pdf](https://acervo.fuvest.br/fuvest/2018/fuv2018_1fase_prova_V.pdf)>. Acesso em 6 jul 2021.
- FUVEST. **Fuvest 2019**. Prova de conhecimentos gerais. 2018. Disponível em: <[https://acervo.fuvest.br/fuvest/2019/fuvest\\_2019\\_primeira\\_fase.pdf](https://acervo.fuvest.br/fuvest/2019/fuvest_2019_primeira_fase.pdf)>. Acesso em: 6 jul 2021.
- FUVEST. **Fuvest 2020**. Prova de conhecimentos gerais. 2019. Disponível em: <[https://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/fuvest\\_2020\\_primeira\\_fase\\_prova\\_V.pdf](https://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/fuvest_2020_primeira_fase_prova_V.pdf)>. Acesso em 6 jul 2021.
- GOMES, Livia Zanier; FELICE, Maria Inês Vasconcelos. **Indícios de efeito retroativo no ensino de Língua Portuguesa a partir do Novo Exame Nacional do Ensino Médio**. Domínios de Linguagem, Uberlândia, vol. 11 n.1, p. 208-232, jan./mar. 2017.
- LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. **É possível facilitar a leitura**: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2010.
- LOPES, Ludmila Dias do Nascimento Serafim. **Contribuição dos processos seletivos para a Prática de Análise Linguística**: uma proposta a partir dos dêiticos. 2019. 90 f. Trabalho de

Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português/Inglês) - Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

LOPES, Ludmila Dias do Nascimento Serafim; BERTUCCI, Roberlei Alves. **Análise de dêiticos em questões de vestibular**. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.8, n2, p. 216-239, 2019. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/13855/209209212961>>. Acesso em: 05 mai 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Ester Machna de. **Habilidades de leitura requeridas no vestibular da Universidade Federal do Paraná - entre o proposto nos PCNs e o exigido no exame**. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

OECD. **PISA 2018: insights and interpretations**. 2019. Disponível em: <<https://www.oecd.org/pisa/PISA%202018%20Insights%20and%20Interpretations%20FINAL%20PDF.pdf>>. Acesso em: 2 jun 2021.

SCHMITZ, L. S. **Argumentação nos livros didáticos: uma análise das perguntas de compreensão textual**. 2018. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português/Inglês) – Departamento de Linguagem e Comunicação, Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

SOUZA, José Wellisten Abreu de. **Contribuições da semântica para a análise linguística: um olhar sobre questões de vestibular**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOUZA, José Wellisten Abreu de; Ferraz, Mônica Mano Trindade. **A significação nas questões de vestibular: dados em prol de uma teoria semântica para o ensino de Língua Portuguesa**. Revista Prolíngua, vol. 9 n.1, p. 81-95, jan/jun de 2014.

UERJ. **Revista eletrônica do vestibular da UERJ**. 1º exame de qualificação. 2019. Disponível em: <<https://www.revista.vestibular.uerj.br/arquivos/pdf/questao/32.pdf>>. Acesso em: 12 jun 2021.

UERJ. **Revista eletrônica do vestibular da UERJ**. 2º exame de qualificação. 2020. Disponível em: <<https://www.revista.vestibular.uerj.br/arquivos/pdf/questao/36.pdf>>. Acesso em: 12 jun 2021.

UFPR. **Processo seletivo 2019/2020**: programa oficial de prova. 2019. Disponível em: <<https://servicos.nc.ufpr.br/PortalNC/PublicacaoDocumento?pub=1050>>. Acesso em: 12 jun 2021.

UFPR. **Processo seletivo 2018**. Edital 42/2017 - NC, 2017. Disponível em: <[https://servicos.nc.ufpr.br/documentos/ps2018/provas1fase/ps2018\\_conhecimentos\\_gerais.pdf](https://servicos.nc.ufpr.br/documentos/ps2018/provas1fase/ps2018_conhecimentos_gerais.pdf)>. Acesso em: 6 jul 2021.

UFPR. **Processo seletivo 2019**. Edital 28/2018 - NC, 2018. Disponível em: <[https://servicos.nc.ufpr.br/documentos/PS2019/provas1fase/ps2019\\_conhecimentos\\_gerais.pdf](https://servicos.nc.ufpr.br/documentos/PS2019/provas1fase/ps2019_conhecimentos_gerais.pdf)>. Acesso em: 6 jul 2021.

UFPR. **Processo seletivo 2020**. Edital 62/2019 - NC, 2019. Disponível em: <[https://servicos.nc.ufpr.br/documentos/PS2020/provas1fase/ps2020\\_conhecimentos\\_gerais.pdf](https://servicos.nc.ufpr.br/documentos/PS2020/provas1fase/ps2020_conhecimentos_gerais.pdf)>. Acesso em: 6 jul 2021.

UNICAMP. **Conhecimentos gerais**: Unicamp vestibular 2018. 2017. Disponível em: <<https://www.comvest.unicamp.br/vest2018/F1/f12018Q.pdf>>. Acesso em: 6 jul 2021.

UNICAMP. **Conhecimentos gerais**: Unicamp vestibular 2019. 2018. Disponível em: <[https://www.comvest.unicamp.br/vest2019/F1/f12019Q\\_X.pdf](https://www.comvest.unicamp.br/vest2019/F1/f12019Q_X.pdf)>. Acesso em: 6 jul 2021.

UNICAMP. **Conhecimentos gerais**: Unicamp vestibular 2020. 2019. Disponível em: <[https://www.comvest.unicamp.br/vest2020/F1/f12020Q\\_X.pdf](https://www.comvest.unicamp.br/vest2020/F1/f12020Q_X.pdf)>. Acesso em: 6 jul 2021.

UNICAMP. **Prova comentada**: 1ª fase - conhecimentos gerais. 2020. Disponível em: <[https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/10/prova\\_comentada\\_F1\\_2020.pdf](https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/10/prova_comentada_F1_2020.pdf)>. Acesso em: 12 jun 2021.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.

## ANEXO A - Textos da UERJ

Figura 11 – Textos da UERJ 2020

### COM A LAMA NA ALMA

- Metáforas são um perigo. Quando rompem suas barragens de figuração e jorram pelas encostas do sentido literal, fenômeno menos raro do que parece, têm grande poder de destruição física. Veja-se o proverbial “mar de lama”. Na crise que conduziu ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954, a expressão brandida pela UDN no parlamento e na imprensa virou um dos mais poderosos bordões da política brasileira em todos os tempos.
- 5 É a senha definitiva da denúncia – meio justificada, meio histórica – de uma corrupção supostamente universal e sem freios instalada no seio do populismo de esquerda, arma de mobilização eleitoral que o populismo de direita não inventou agora.
- Curiosamente, a paternidade de “mar de lama” é atribuída ao próprio Vargas, que com imagem tão gráfica teria expressado a um coronel da Aeronáutica sua decepção com as jogadas corruptas de Gregório Fortunato, chefe de sua guarda pessoal. Mas essa é outra história.
- 10 “Mar de lama” virou chavão, metáfora morta, mas em sua origem era uma imagem potente. É claro que, entre aquele Brasil dos anos 1950, que mal engatinhava esperançosamente na modernidade, e o de agora, mistura grotesca e já exausta de arcaico e pós-moderno, o mar de lama do Palácio do Catete ganhou um ar até bucólico de poça d’água, mas não é disso que quero falar aqui. O que me interessa é a história de uma boa metáfora.
- 15 Na tradição rural – vastíssima nos sentidos geográfico e histórico – em que o Brasil nasceu e foi criado, a lama simboliza o atraso. A urbanização é uma guerra contra ela. Carros de boi atolavam na lama, vacas iam para o brejo.
- 20 Além do atraso, coube à lama simbolizar a pobreza e a sujeira física e moral a ela associada: metiam-se os pés cascudos no barro, emporcalhavam-se os tratadores de porcos em chiqueiros, enlameavam-se reputações, chafurdava-se em charcos.
- Pode parecer que, definitivamente suja, a lama tem o mesmo conjunto de sentidos em qualquer cultura, mas não é assim. No repertório de diversos povos da antiguidade, a principal força simbólica da pasta de terra e água é positiva à beça: liga-se à criação da vida.
- 25 Na mitologia de gregos, sumérios, egípcios, chineses, hindus, iorubás e, claro, no próprio “Gênese”, a humanidade foi moldada por mãos divinas tendo por matéria-prima algum tipo de argila, o que pode estar mais perto da verdade do que se imagina.
- O oceano goza de boa reputação científica como provável criadouro da vida na Terra, mas nunca abafou por completo a teoria do “laguinho morno” – cheio de lama, óbvio – que Charles Darwin propôs.
- 30 Com Mariana e, em versão incomparavelmente mais letal e absurda, Brumadinho, a velha lama brasileira, agora acrescida de toneladas de metais venenosos e desprezo, não se limita a romper as barragens do sentido figurado: soterra qualquer ligação com a vida que pudesse estar enterrada no barro.
- Atraso, sujeira física e moral, tudo isso já parece pouco. Nossa lama simboliza a morte, ponto. Estamos enlameados até a alma.

SÉRGIO RODRIGUES

Adaptado de [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br), 31/01/2019.

## O QUE NOSSAS METÁFORAS DIZEM DE NÓS

Para o poeta Robert Frost, a vida era um caminho que passa por encruzilhadas inevitáveis; para Fernando Pessoa, uma sombra que passa sobre um rio. Shakespeare via o mundo como um palco e Scott Fitzgerald percebia os seres humanos como barcos contra a corrente. Metáforas como essas nos rodeiam, mas não só quando seguramos um livro nas mãos. Em nosso uso cotidiano da língua, elas são tão presentes que nem sequer percebemos. São exemplos “teto de vidro impede a carreira das mulheres”, “a bolha do aluguel”, “cortar o mal pela raiz”. Considerada a forma por excelência da linguagem figurada, a metáfora às vezes é tida como mero embelezamento do discurso.

Entretanto, desde 1980, com a publicação do livro *Metáforas da vida cotidiana*, essa figura retórica recuperou seu protagonismo. Os autores George Lakoff e Mark Johnson mostraram que as alegorias desenham o mapa conceitual a partir do qual observamos, pensamos e agimos. Com frequência são nossa bússola invisível, orientando tanto os gestos instintivos que fazemos como as decisões mais importantes que tomamos. É muito provável que aqueles que concebem a vida como uma cruz e os que a entendem como uma viagem não reajam da mesma forma ante um mesmo dilema. As metáforas são ferramentas eficazes e de múltiplas utilidades. Ao partir de elementos já conhecidos, nos ajudam a examinar realidades, conceitos e teorias novas de uma maneira prática. Também nos servem para abordar experiências traumáticas nas quais a linguagem literal se revela impotente. São vigorosos atalhos que a mente usa para assimilar situações complexas em que a literalidade acaba sendo tediosa, limitada e confusa. É mais fácil para nós entender que a depressão é uma espécie de buraco negro e que o DNA é o manual de instruções de cada ser vivo.

As figurações dão coesão às identidades coletivas, pois circulam sem cessar até se incorporarem à linguagem cotidiana. Há alguns anos, os psicólogos Paul Thibodeau e Lera Boroditsky, da Universidade Stanford (E.U.A.), analisaram os resultados de um debate sobre políticas contra a criminalidade que recorria a duas metáforas. Quando o problema era ilustrado como se houvesse predadores devorando a comunidade, a resposta era endurecer a vigilância policial e aplicar leis mais severas. No entanto, quando o problema era exposto como um vírus infectando a cidade, a opção era a de adotar medidas para erradicar a desigualdade e melhorar a educação. Comparações ruins levam a políticas ruins, escreveu o Nobel de Economia Paul Krugman.

No campo da medicina, tem havido mudanças de paradigma no que diz respeito ao impacto emocional das metáforas. Num recente seminário organizado pela Universidade de Navarra (Espanha), a linguista Elena Semino dissertou sobre os efeitos de abordar o câncer como se fosse uma guerra, provocando sensações negativas quando o paciente acredita estar “perdendo a batalha”, mesmo que isso possa ser estimulante para outros. O erro, segundo a especialista, reside em misturar os campos semânticos da guerra e da saúde. Para corrigir essa questão, a linguista elabora o que chama de “cardápio de metáforas”, para que médicos e pacientes enfrentem a doença de forma mais construtiva.

As boas metáforas nos trazem outras perspectivas, fronteiras menos rígidas e novas categorizações que substituem aquelas já desgastadas.

MARTA REBÓN  
Adaptado de [brasil.elpais.com](http://brasil.elpais.com), 11/04/2018.

Figura 12 – Texto da UERJ 2019

### Soneto do Corifeu\*

- São demais os perigos desta vida  
Para quem tem paixão, principalmente
- 3 Quando uma lua surge de repente  
E se deixa no céu, como esquecida.
- E se ao luar que atua desvairado
- 6 Vem se unir uma música qualquer  
Aí então é preciso ter cuidado  
Porque deve andar perto uma mulher.
- 9 Deve andar perto uma mulher que é feita  
De música, luar e sentimento  
E que a vida não quer, de tão perfeita.
- 12 Uma mulher que é como a própria Lua:  
Tão linda que só espalha sofrimento  
Tão cheia de pudor que vive nua.

\* Corifeu: personagem sempre presente no antigo teatro grego.

Fonte: UERJ (2019)



## ANEXO B - Questões indicadas como acarretamento

Figura 13 - UFPR, 2018, q. 1-9

O texto A serve de referência para as questões 01 e 02.

Texto A:

### A era dos memes na crise política atual

Seria cômico, se não fosse trágico, o estado de irreverência do brasileiro frente à crise em que o país encontra-se imerso. A nossa capacidade de fazer piada de nós mesmos e da acentuada crise político-econômica atual nos instiga a refletir se estamos “jogando a toalha” ou se este é apenas um “jeitinho brasileiro” de encarar a realidade. A criatividade de produzir piadas, memes e áudios engraçados expõe um certo tipo de estratégia do brasileiro para lidar com situações de conflito: “*Tira a Dilma. Tira o Aécio. Tira o Cunha. Tira o Temer. Tira a calça jeans e bota um fio dental, morena você é tão sensual*”. Eis uma das milhares de piadas que circulam nas redes sociais e que, de forma irreverente, estimulam o debate. Não há aquele que não se divirta com essa piada ou outra congênere; que não gargalhe diante dos diversos textos engraçados que circulam por meio de postagens ou mensagens de celular, independentemente do grau de escolaridade de quem compartilha. Seja por meio do deboche e do riso, é de “notório saber” que todas as classes estão conscientes da gravidade da situação e que, por conseguinte, concordam que medidas enérgicas precisam ser tomadas. A diferença está na forma ideologicamente defendida para a tomada de medidas.

A “memecrítica” é uma categoria de crítica social que tem causado desconforto nos políticos e membros dos poderes judiciário e executivo, estimulando, inclusive, tentativas frustradas de mapeamento e controle do uso da internet por parte dos internautas. [...]

Por outro lado, questionar as contradições presentes apenas por meio da piada, em certo aspecto politizada, não garante mudanças sociais de grande impacto.

Esses manifestos e/ou críticas de formas isoladas (ou uníssonas) podem, mesmo sem intenção, relegar os cidadãos brasileiros a um estado de inércia, a uma condição de estado permanente de sonolência eterna em “berço esplêndido”. Já os manifestos, protestos e/ou passeatas nas ruas e demais enfrentamentos em espaços de poder instituídos ainda são os mecanismos mais eloquentes e potenciais para contrapor discursos e práticas opressoras que contribuem para o caos social. É preciso o *tête-à-tête*, o diálogo crítico e reflexivo em casa, na comunidade e demais ambientes socioculturais. Entretanto, um diálogo respeitoso, cordial, que busque a alteridade. Que apresente discordâncias, entretanto respeite a opinião divergente, sem abrir mão da ética e do respeito aos direitos humanos.

(Luciano Freitas Filho – *Carta Capital* (adaptado), junho/2017. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/07/era-dos-memes-na-crise-politica-atual/>>.)

**01 - Considere as avaliações dos memes enquanto prática social e assinale a alternativa que se apresenta coerente com o proposto pelo texto:**

- ▶ a) Em razão do seu modo de funcionamento, os memes não têm o mesmo efeito que as manifestações convencionais.
- b) As tentativas de controle da disseminação dos memes no espaço virtual, por parte dos poderes instituídos, têm gerado situações de desconforto.
- c) A adesão ao conteúdo dos memes se apresenta de modo convergente para pessoas de diferentes classes sociais e posições políticas.
- d) Por se revestirem simultaneamente de caráter de crítica e de deboche, os memes são a melhor forma de embate *tête-a-tête*.
- e) Apesar de sua força expressiva, os memes não constituem recurso para mudanças sociais efetivas, porque seu lugar de circulação não goza de legitimidade.

O texto B serve de referência para a questão 03.

Texto B:

Glória Pires incapaz de opinar no Oscar, Eduardo Jorge, Tapa na pantera, Luisa Marilac, Japonês da federal, John Travolta confuso, diferentona, cala a boca Galvão, Nissim Ourfali, Winona Ryder em choque, e tantos outros memes e virais – que costumam ser tratados como mera zoeira, simplesmente uma das mil manias derivadas da internet – passaram a ser tratados como peças de museu, literalmente. Criado como um projeto do curso de Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense (UFF), o *Museu dos Memes* leva justamente a zoeira a sério. [...]

Ainda que sejam tratados como besteira, para o criador e coordenador do museu, Viktor Chagas, os memes possuem, para além de sua função cômica, uma função social – basta olhar para as diversas *hashtags* de denúncia em causas como dentro do movimento negro e feminista para entender que tal lógica possui mais desdobramentos, possibilidades e sentidos do que imaginamos em seu aspecto mais pueril.

(Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2017/05/o-museu-de-memes-e-brasileiro-e-e-a-melhor-forma-de-eternizar-a-zoeira-que-abunda-na-internet/>>. Acesso em 29/09/17)



03 - Com base no texto B, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- ( ) A função cômica, própria dos memes, é apresentada como atenuante da função social, que também é própria deles.
- ( ) O autor do texto antecipa-se a uma avaliação negativa acerca dos memes e apresenta contra-argumento em relação a ela.
- ( ) Os exemplos de memes como peças de museu, apresentados no início do texto, servem de sustentação à ideia de paradoxo entre zoeira e seriedade.
- ( ) O autor apresenta a denúncia em causas como a feminista e a do movimento negro para explicitar a lógica de funcionamento das hashtags.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- ▶ a) F – V – V – F.
- b) F – V – F – V.
- c) V – F – F – V.
- d) V – F – V – F.
- e) F – F – V – V.

04 - O que distingue centralmente o texto A do texto B é:

- a) o caráter de seriedade atribuído aos memes no texto A em contraste com o de zoeira no texto B.
- b) a crítica de caráter político atribuída aos memes no texto A em contraste com a crítica de caráter social no texto B.
- c) a referência a alguma forma de efeito produzido pelos memes, presente no texto B, em contraste com sua ausência no texto A.
- ▶ d) a crítica aos memes como prática com limites de alcance, explicitada no texto A, em contraste com a ausência dessa crítica no texto B.
- e) a larga circulação dos memes apresentada no texto A em contraste com sua fixidez e imobilidade apresentadas no texto B.

O texto abaixo é referência para as questões 05 a 07.

A crise final da escravidão, no Brasil, deu lugar ao aparecimento de um modelo novo de resistência, a que podemos chamar *quilombo abolicionista*. No modelo tradicional de resistência à escravidão, o *quilombo-rompimento*, a tendência dominante era a política do esconderijo e do segredo de guerra. Por isso, esforçavam-se os quilombolas exatamente para proteger seu dia a dia, sua organização interna e suas lideranças de todo tipo de inimigo, curioso ou forasteiro, inclusive, depois, os historiadores.

Já no modelo novo de resistência, o quilombo abolicionista, as lideranças são muito bem conhecidas, **cidadãos prestantes**, com documentação civil em dia e, principalmente, muito bem articulados politicamente. Não mais os grandes guerreiros do modelo anterior, mas um tipo novo de liderança, uma espécie de **instância de intermediação** entre a comunidade de fugitivos e a sociedade envolvente. Sabemos hoje que a existência de um quilombo inteiramente isolado foi coisa rara. Mas, no caso dos quilombos abolicionistas, os contatos com a sociedade são tantos e tão essenciais que o quilombo encontra-se já internalizado, parte do jogo político da sociedade mais ampla.

(Quilombo abolicionista – cap. 1; p. 11. SILVA, Eduardo: *As Camélias do Leblon e a abolição da escravatura*: uma investigação de história cultural. SP: Cia das Letras, 2003.)

05 - Com base no texto, assinale a alternativa INCORRETA.

- a) Segundo o autor, a organização quilombola, no período pré-abolição, não era constituída exclusivamente como modelo de resistência belicosa.
- ▶ b) As lideranças de ambos os tipos de organização quilombola apontados no texto eram ocupadas por indivíduos de prestígio na sociedade circundante.
- c) Cada um dos tipos de quilombo apontados pelo autor do texto, no Brasil, tinha estratégias e finalidades diferentes.
- d) Quilombos inteiramente isolados não eram tão comuns, segundo Silva, contrariamente ao que sempre se acreditou.
- e) Os chamados quilombos abolicionistas eram mais integrados à sociedade circundante, mantendo com ela uma estreita relação.

O texto abaixo, uma transcrição da fala em vídeo do youtuber Felipe Castanhari, é referência para as questões 08 a 10.

Olá, meus queridos amigos. Tudo bem com vocês? Eu sou Felipe Castanhari. E vocês devem ouvir falar muito sobre a tal guerra na Síria. Que estamos o tempo todo na tevê e na internet. E eu notei que a grande maioria das pessoas não fazem ideia do que tá rolando. Por que uma galera tá enchendo os barcos com risco de morrer só pra sair de um país? Mano, o que está acontecendo? Basicamente, o que tá rolando ali é uma guerra civil que está devastando o país. São centenas de milhares de pessoas mortas. E tem muita gente desesperada tentando sair desta M. Pessoas que perderam suas casas, perderam suas famílias estão tentando deixar o país a procura de uma vida decente. Mas como assim, a Síria chegou nessa situação de M.? Vamos imaginar que a Síria é um grande colégio, uma grande escola. E esse colégio é governado por um cara chamado Bashar al-Assad, que está comandando esse grande colégio desde 2000. Antes disso, quem comandava esse grande colégio era seu pai, um rapaz chamado Hafez al-Assad. Digamos que a democracia não é um conceito muito cultuado nesse colégio, porque é a mesma família que manda naquela P. há 40 anos. Só que aconteceu uma grande M. em 2011 e tudo mudou. Lembra que estamos fazendo de conta que a Síria é um grande colégio, certo? Então temos várias turmas no ensino médio. Cada uma delas com 30 alunos mais ou menos. Ninguém gostava do diretor, do dono da escola. Só que mesmo assim o pessoal ficava meio de boa. Ficava todo mundo meio que passando de ano, sabe? [...] Só que em 2011 a galera de uma das salas resolveu descer pro pátio e protestar contra o diretor. Porque ele dava meio que uns privilégios só pra umas turmas. E o resto do colégio meio que se F., meio que se F. legalmentis. Então, tinha uma galera que tava meio cansada disso e foi lá pro pátio protestar. Eles foram lá e fizeram um protesto pacífico. Ele chegou lá e viu aquela confusão no pátio e resolveu expulsar todo mundo que tava ali protestando. [...] Meteu bala geral. [...] Só que foi aí que começou a virar uma loucura, porque as próprias salas começaram a se dividir. Então ao invés do colégio inteiro partir pra cima do diretor, eles começaram meio que formar panelinhas. E quando as panelinhas se encontravam no pátio, elas começavam a brigar entre elas. [...] Véio, isso é um P. absurdo [...]. Pessoal, vamo entender isso. As pessoas preferem arriscar suas vidas e morrer afogado no mar do que ficar lá na Síria. Olha a M. que tá acontecendo. [...] Além de ter bombardeio, as pessoas de Aleppo, a principal cidade do conflito da Síria, elas estão sem água, sem comida, remédios, energia elétrica. Aleppo virou um verdadeiro inferno. E a gente pode fazer um pouquinho mais do que ficar indignado. Talvez isso esteja muito longe da gente. Mas a gente aqui no Brasil tem como ajudar. Existem várias entidades como a Unicef que estão fazendo um trabalho de socorro aos civis na Síria, especialmente as crianças, galera. A gente pode fazer doações para essas entidades. E às vezes uma pequena quantia pra você pode fazer uma P. diferença pruma criança lá na guerra.

08 - Segundo a argumentação do texto, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- ( ) A analogia entre a guerra na Síria e o funcionamento de um colégio expõe o atual estado de conflito interno no país.
- ( ) Os riscos que os sírios enfrentam, sem condições de infraestrutura básica, sustenta o apelo à ajuda humanitária.
- ( ) A fragmentação das facções de resistência ao governo é apresentada como a causa da distribuição de privilégios pelo governo sírio entre seus aliados.
- ( ) Felipe Castanhari explicita seu posicionamento em relação à guerra na Síria com a frase “Véio, isso é um P. absurdo”.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- ▶ a) V – V – F – V.
- b) F – V – V – V.
- c) F – V – F – F.
- d) V – F – V – F.
- e) V – F – V – V.

09 - Considere o trecho que vem na sequência da fala de Castanhari.

E outra coisa que você podia fazer é não apoiar pessoas de políticas do mal ou contra os refugiados da Síria. Porque no meio disso tudo tem pessoas ignorantes que dizem que os refugiados da Síria são todos terroristas. Porque no meio disso tudo, o que as pessoas precisam é de países dispostos a estender a mão para elas. Porque no meio de todo esse sofrimento, dessa guerra, de toda essa morte, a única esperança que um refugiado tem de ter uma vida normal está nas mãos de um país vizinho disposto a estender a mão pra essa pessoa. [...]

Assinale a alternativa que sintetiza o trecho em formato de discurso indireto.

- a) O youtuber propõe uma política internacional de defesa dos refugiados contra as ameaças de morte que eles encaram em países vizinhos, pois na maioria dos casos esses refugiados são considerados terroristas, e isso põe a comunidade internacional em estado de alerta contra ataques.
- b) Nós, brasileiros, podemos ajudar e lutar contra os políticos sírios que rotularam estrategicamente os refugiados como terroristas. A ajuda está em nossas mãos, pois além dos países vizinhos, os países de outros continentes são também responsáveis pelo acolhimento.
- ▶ c) Felipe Castanhari defende que os brasileiros podem colaborar. Apesar de haver pessoas que consideram os refugiados terroristas, eles precisam de ajuda, pois sua única esperança pode estar na solidariedade de outros países.
- d) Os usuários do YouTube concordam com Felipe Castanhari quanto à proposta de que eles precisam diferenciar os bons políticos – que defendem ajuda humanitária de qualquer país, inclusive os mais distantes – dos maus políticos, que consideram os refugiados terroristas.
- e) Os refugiados precisam de ajuda, pois não há condições de vida no país. Você e os usuários do YouTube fazem parte dos países que podem ajudar com amparo humanitário, desfazendo o equívoco internacional do juízo desses refugiados como terroristas.

Fonte: UFPR (2017)

**Figura 14 - UFPR, 2019, q. 43-48**

**43 - Com relação aos contos tradicionais, a autora:**

- a) defende a ideia de que eles precisam ser reelaborados, para se adequarem aos valores de cada época.
- b) concorda que deve ser proibido assustar as crianças por meio dos contos, para que isso não as afaste da leitura.
- c) vê com bons olhos as versões dos irmãos Grimm, que abrandaram o enredo e passaram a apresentar finais felizes.
- d) considera a infinita repetição como um aspecto negativo dos contos, mas que é compensado pela infinita variedade.
- ▶ e) é favorável a que tenham finais tristes e abordem situações de desigualdade, crueldade e infortúnios.

**48 - As expressões 'equipamento emocional' e 'ostracismo social', no segundo parágrafo, podem ser interpretadas, segundo o contexto de ocorrência, respectivamente, como:**

- a) objeto que regula emoções – exílio.
- b) capacidade de sentir emoções – exclusão.
- c) experiência – falta de exposição.
- ▶ d) maturidade – isolamento.
- e) malícia – incapacidade de se expressar.

**Fonte: UFPR (2018)**

**Figura 15 - UFPR, 2020, q. 37-48**

**37 - Na Seção II (Das Atribuições do Congresso Nacional), que integra o Título IV (Da Organização dos Poderes), da Constituição da República Federativa do Brasil, 1988, o artigo 48 traz a seguinte redação em seu *caput*:**

Art. 48. Cabe ao Congresso Nacional, com a sanção do Presidente da República, não exigida esta para o especificado nos arts. 49, 51 e 52, dispor sobre todas as matérias de competência da União, especialmente sobre:

- I - sistema tributário, arrecadação e distribuição de rendas;
- II - plano plurianual, diretrizes orçamentárias, orçamento anual, operações de crédito, dívida pública e emissões de curso forçado;
- III - fixação e modificação do efetivo das Forças Armadas;
- IV - planos e programas nacionais, regionais e setoriais de desenvolvimento;
- V - limites do território nacional, espaço aéreo e marinho e bens do domínio da União; [...]

**Com base no *caput* desse artigo, considere as seguintes afirmativas:**

1. A sanção do Presidente da República às matérias de competência da União, especificadas nesse artigo, deve ser entendida como o veto presidencial.
2. O Congresso Nacional pode dispor sobre matérias de competência da União, como as especificadas nos incisos do art. 48, condicionado à apreciação do Presidente da República.
3. Esse artigo especifica matérias sobre as quais o Congresso Nacional pode dispor sem necessidade de apreciação pelo Presidente da República.

**Está/Estão de acordo com o disposto no artigo 48:**

- a) a afirmativa 1 apenas.
- ▶ b) a afirmativa 2 apenas.
- c) as afirmativas 1 e 2 apenas.
- d) as afirmativas 2 e 3 apenas.
- e) as afirmativas 1, 2 e 3.

**O texto a seguir é referência para as questões 38 a 40.**

Diverti-me imensamente com a história dos imbecis da web. Para quem não acompanhou, foi publicado em alguns jornais e também on-line que no curso de uma chamada *lectio magistralis* em Turim eu teria dito que a web está cheia de imbecis. É falso. A *lectio* era sobre um tema completamente diferente, mas isso mostra como as notícias circulam e se deformam entre os jornais e a web. A história dos imbecis surgiu numa conferência de imprensa durante a qual, respondendo a uma pergunta que não me lembro mais, fiz uma observação de puro bom senso. Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar – e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito. Hoje uma parte consistente dessas pessoas tem a possibilidade de expressar as próprias opiniões nas redes sociais e, portanto, tais opiniões alcançam audiências altíssimas e se misturam com tantas outras ideias expressas por pessoas razoáveis.

[...]

É justo que a rede permita que mesmo quem não diz coisas sensatas se expresse, mas o excesso de besteira congestionava as linhas. E algumas reações descompensadas que vi na internet confirmam minha razoabilíssima tese. Alguém chegou a dizer que, para mim, as opiniões de um tolo e aquelas de um ganhador do prêmio Nobel têm a mesma evidência e não demorou para que se difundisse viralmente uma inútil discussão sobre o fato de eu ter ou não recebido um prêmio Nobel – sem que ninguém consultasse sequer a Wikipédia.

(Umberto Eco – Os imbecis e a imprensa responsável, 2017.)

**39 - A questão central apontada pelo autor no texto pode ser corretamente sintetizada no fato de que:**

- a) ele tenha se divertido com os comentários a respeito da presença dos imbecis na web.
- b) na web, as opiniões atingem audiências altíssimas por expressarem ideias absurdas.
- c) a opinião de um ganhador do prêmio Nobel e a de um imbecil têm o mesmo peso na web.
- ▶ d) as notícias sofrem distorções durante o processo de circulação entre as diferentes mídias.
- e) os navegadores da web não conferiram a informação sobre ele ter recebido ou não um prêmio Nobel.

### O jogo do salário mínimo

1 [...] Em menos de trinta minutos, dois times centenários do futebol carioca, Bonsucesso e Olaria, vão se enfrentar num jogo-  
2 treino, na preparação para a disputa da segunda divisão do campeonato do Rio.

3 Na arena vazia, os jogadores vivem a desigualdade salarial do futebol brasileiro. Na esperança de chegar a um clube grande,  
4 os 22 atletas em campo correm no estádio em troca de um salário mínimo (998 reais) na carteira assinada – isso quando não há  
5 atraso no pagamento. Juntos, ganham cerca de 22 mil reais – menos de 2% do salário mensal de uma estrela como o atacante  
6 Gabriel Barbosa, o Gabigol, do Flamengo. Longe do glamour dos estádios padrão Fifa, os 22 em campo no chamado Clássico da  
7 Leopoldina, em referência à antiga linha de trem, são um retrato do precário mercado de trabalho da bola no Brasil.

8 Levantamento do antigo Ministério do Trabalho revela que a maioria (54%) dos jogadores de futebol do país empregados em  
9 2017 recebia até três salários mínimos (2.811 reais). Os dados constam da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 2017.  
10 [...]

11 A estatística do antigo Ministério do Trabalho é o único levantamento que tenta mapear os salários no futebol brasileiro. A CBF  
12 fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de publicar por causa das distorções criadas pelos contratos de direito de imagem.  
13 Segundo a última edição do trabalho da entidade que comanda o futebol nacional, mais de 80% dos jogadores de futebol ganhavam  
14 até 1 mil reais por mês em 2016. Sem citar nomes, a CBF informou que apenas um jogador recebia mais de 500 mil reais, mas o  
15 número estava longe da realidade, e o mesmo se pode dizer dos dados da RAIS. O salário em carteira é só uma parte do que os  
16 atletas recebem, pois o principal vem dos direitos de imagem e patrocínios.

17 Mas essa é uma realidade dos clubes grandes. Em clubes como Bonsucesso e Olaria, não há direitos de imagem, já que não  
18 há imagem a ser vendida. Os patrocinadores estão mais para pequenos comerciantes locais do que para grandes financiadores do  
19 futebol.

(Sérgio Rangel. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-jogo-do-salario-minimo/>. 31/05/2019.)

#### 41 - Com base no texto de Rangel, considere as seguintes afirmativas:

1. Em “Os patrocinadores estão mais para pequenos comerciantes locais do que para grandes financiadores do futebol”, temos uma relação de contraposição.
2. Os baixos salários, somados aos atrasos nos pagamentos, são aspectos da precariedade do mercado da bola no Brasil.
3. Os dados salariais dos jogadores brasileiros, apontados pela RAIS, apresentam distorções porque a maioria dos jogadores recebem até três salários mínimos por mês, enquanto outros recebem até quinhentos mil reais por mês.
4. A ausência de comercialização de imagens de jogadores de clubes como Bonsucesso e Olaria decorre do fato de esses jogadores não terem direitos de imagem como o jogador Gabigol, por exemplo.

Assinale a alternativa correta.

- a) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- ▶ d) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- e) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.

#### 43 - Com base no texto, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- ( ) A expressão “na arena vazia” (linha 3) encontra-se em relação de oposição metafórica com a expressão “glamour dos estádios padrão Fifa” (linha 6).
- ( ) Ainda que os jogadores de clubes como Bonsucesso e Olaria sujeitem-se aos baixos salários, eles mantêm no horizonte a aspiração aos grandes clubes.
- ( ) O autor do texto traz a lume denúncias de jogadores acerca das disparidades salariais no mundo do futebol.
- ( ) O desequilíbrio entre o que um jogador-estrela recebe no Brasil em relação ao contingente dos demais jogadores fundamenta-se na variável direitos de imagem.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- ▶ a) V – V – F – V.
- b) V – F – V – F.
- c) F – V – F – V.
- d) F – F – V – V.
- e) V – V – V – F.



O texto a seguir é referência para as questões 47 e 48.

**Por que as lhamas podem guardar o segredo para combater a gripe**

Cientistas americanos recrutaram uma curiosa aliada para desenvolver tratamentos contra a gripe: a lhama. O sangue desse animal sul-americano foi utilizado para produzir uma nova terapia com anticorpos que têm o potencial de combater todos os tipos de gripe.

A gripe é uma das doenças mais hábeis na hora de mudar de forma. Constantemente, modifica sua aparência para despistar nosso sistema imunológico. Isso explica porque as vacinas nem sempre são efetivas e, a cada inverno, é necessário receber uma nova injeção para prevenir a doença.

Por isso, a ciência está à procura de uma forma de acabar com todos os tipos de gripe, não importando de qual cepa provenha ou o quanto possa sofrer mutações. É aí que entra a lhama.

Esses animais, nativos dos Andes, têm anticorpos incrivelmente pequenos em comparação com os dos humanos. Os anticorpos são as armas do sistema imunológico, e aderem às proteínas que sobressaem na superfície dos vírus.

Os anticorpos humanos tendem a atacar as pontas dessas proteínas, \_\_\_\_\_ essa é a parte em que o vírus da gripe muda com mais rapidez. \_\_\_\_\_ os anticorpos da lhama, com seu tamanho diminuto, conseguem atacar as partes do vírus da gripe que não sofrem mutação.

Uma equipe do Instituto Scripps, nos Estados Unidos, infectou lhamas com múltiplos tipos de gripe, para estimular uma resposta do seu sistema imunológico. Em seguida, analisou o sangue dos animais, procurando pelos anticorpos mais potentes, que poderiam atacar uma ampla variedade de vírus.

Os cientistas, \_\_\_\_\_, identificaram quatro anticorpos das lhamas. Depois, começaram a desenvolver um anticorpo sintético, que une elementos desses quatro tipos.

O trabalho, que foi publicado na revista científica *Science*, ainda está em estágios muito iniciais. A equipe de cientistas pretende realizar mais experimentos antes de fazer testes com humanos. "Ter um tratamento que possa funcionar contra uma variedade de cepas diferentes do vírus da gripe é algo muito desejado. É o Santo Graal da gripe", afirma o professor Jonathan Ball, da Universidade de Nottingham.

(James Gallagher, Correspondente de Saúde e Ciência, BBC News. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?ocid=socialflow\\_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2B5I59XTXbPwX7w0kk9O4kfMlop3H-wjmlY](https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2B5I59XTXbPwX7w0kk9O4kfMlop3H-wjmlY). Acesso em 07/07/2019. Adaptado.)

48 - Ao comparar a vacina contra diferentes cepas do vírus da gripe ao Santo Graal, o professor Jonathan Ball quis dizer que:

- ▶ a) tanto o Santo Graal quanto a vacina são buscados com afinco.
- b) a descoberta da vacina e do Santo Graal cabe a pessoas com aptidões especiais.
- c) o Santo Graal e a vacina têm o sangue como elemento em comum.
- d) tanto o Santo Graal como a imunização pelas vacinas são lendas.
- e) tanto a vacina quanto o Santo Graal apresentam-se em mais de uma forma.

Fonte: UFPR (2019)

Figura 16 - Fuvest, 2018, q. 85

85

Examine esta propaganda.



[www.combustivellegal.com.br](http://www.combustivellegal.com.br)

Por ser empregado tanto na linguagem formal quanto na linguagem informal, o termo "legal" pode ser lido, no contexto da propaganda, respectivamente, nos seguintes sentidos:

- (A) lícito e bom.
- (B) aceito e regulado.
- (C) requintado e excepcional.
- (D) viável e interessante.
- (E) jurídico e autorizado.

Fonte: Fuvest (2017)

### Figura 17 - Fuvest, 2019, q. 58-61

TEXTO PARA AS QUESTÕES 58 E 59

*Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.*

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. Piauí, ago. 2018, ed. 143, p. 24.

#### 58

De acordo com o texto, o “mito político”

- (A) prejudica o entendimento do mundo real.
- (B) necessita da abstração do tempo.
- (C) depende da verificação da verdade.
- (D) é uma fantasia desvinculada da realidade.
- (E) atende a situações concretas.

#### 60

*Sim, estou me associando à campanha nacional contra os verbos que acabam em “ilizar”. Se nada for feito, daqui a pouco eles serão mais numerosos do que os terminados simplesmente em “ar”. Todos os dias os maus tradutores de livros de marketing e administração disponibilizam mais e mais termos infelizes, que imediatamente são operacionalizados pela mídia, reiniciando palavras que já existiam e eram perfeitamente claras e eufônicas.*

*A doença está tão disseminada que muitos verbos honestos, com currículo de ótimos serviços prestados, estão a ponto de cair em desgraça entre pessoas de ouvidos sensíveis. Depois que você fica alérgico a disponibilizar, como você vai admitir, digamos, “viabilizar”? É triste demorar tanto tempo para a gente se dar conta de que “desincompatibilizar” sempre foi um palavrão.*

FREIRE, Ricardo. Complicabilizando. Época, ago. 2003.

Com base no texto, é correto afirmar:

- (A) A “campanha nacional” a que se refere o autor tem por objetivo banir da língua portuguesa os verbos terminados em “ilizar”.
- (B) O autor considera o emprego de verbos como “reiniciando” (L. 7) e “viabilizar” (L. 13) uma verdadeira “doença”.
- (C) A maioria dos verbos terminados em “(i)lizar”, presentes no texto, foi incorporada à língua por influência estrangeira.
- (D) O autor, no final do primeiro parágrafo, acaba usando involuntariamente os verbos que ele condena.
- (E) Os prefixos “des” e “in”, que entram na formação do verbo “desincompatibilizar” (L. 14), têm sentido oposto, por isso o autor o considera um “palavrão”.

61

*Seria difícil encontrar hoje um crítico literário respeitável que gostasse de ser apanhado defendendo como uma ideia a velha antítese estilo e conteúdo. A esse respeito prevalece um religioso consenso. Todos estão prontos a reconhecer que estilo e conteúdo são indissolúveis, que o estilo fortemente individual de cada escritor importante é um elemento orgânico de sua obra e jamais algo meramente “decorativo”.*

*Na prática da crítica, entretanto, a velha antítese persiste praticamente inexpugnada.*

Susan Sontag. “Do estilo”. **Contra a interpretação.**

Consideradas no contexto, as expressões “religioso consenso”, “orgânico” e “inexpugnada”, sublinhadas no texto, podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por:

- (A) místico entendimento; biológico; invencível.
- (B) piedoso acordo; puro; inesgotável.
- (C) secular conformidade; natural; incompreensível.
- (D) fervorosa unanimidade; visceral; insuperada.
- (E) espiritual ajuste; vital; indomada.

**Fonte: Fuvest (2018)**

**Figura 18 - Fuvest, 2020, q. 43-45**

43

*O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos. Hoje afirmo isso com muita tranquilidade, mas minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma incompreensão fundamental. Não que eu buscasse respostas para tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, não tinha consciência de mim. Não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos diziam na minha cara que não queriam formar par com a “neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha e inadequada, e, na maioria das vezes, fazia as coisas no automático, me esforçando para não ser notada.*

Djamila Ribeiro, *Quem tem medo do feminismo negro?*.

O trecho que melhor define a “incompreensão fundamental” (L.6) referida pela autora é:

- (A) “não que eu buscasse respostas para tudo” (L.6-7).
- (B) “não tinha consciência de mim” (L.8).
- (C) “Por que eu ficava isolada na hora do recreio” (L.10-11).
- (D) “me esforçando para não ser notada” (L.15).
- (E) “sentia vergonha de levantar a mão” (L.8-9).

45

Considerando o contexto, o trecho “E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse” (L.10-11) pode ser reescrito, sem prejuízo de sentido, da seguinte maneira: E não se pense que este nome a alegrou,

- (A) apesar de lisonjeá-la.
- (B) antes a lisonjeou.
- (C) porque a lisonjeava.
- (D) a fim de lisonjeá-la.
- (E) tanto quanto a lisonjeava.

**Fonte: Fuvest (2019)**

**Figura 19 - Unicamp, 2018, q. 2-7****QUESTÃO 2**

Leia, a seguir, um excerto de "Terrorismo Literário", um manifesto do escritor Ferréz.

A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós. A literatura marginal se faz presente para representar a

cultura de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria.

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom, isso fica para os estudiosos.

Cansei de ouvir: — "Mas o que cês tão fazendo é separar a literatura, a do gueto e a do centro". E nunca cansarei de responder: — "O barato já tá separado há muito tempo, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do de cá mal terminamos o ensino dito básico."

(Adaptado de Ferréz, "Terrorismo literário", em Ferréz (Org.), *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 9,12,13.)

Ferréz defende sua proposta literária como uma

- a) descoberta de que é preciso reagir com a palavra para que não haja separação entre a grande cultura nacional e a literatura feita por minorias.
- b) comprovação de que, sendo as minorias de fato uma maioria, não faz sentido distinguir duas literaturas, uma do centro e outra da periferia.
- c) manifestação de que a literatura marginal tem seu modo próprio de falar e de contar histórias, já reconhecido pelos estudiosos.
- d) constatação de que é preciso reagir com a palavra e mostrar-se nesse lugar marginal como literatura feita por minorias que juntas formam uma maioria.



**QUESTÃO 4**

Numa entrevista ao jornal *El País* em 26 de agosto de 2016, o jornalista Caco Barcellos comenta uma afirmação sua anterior, feita em um congresso de jornalistas investigativos, de que novos profissionais não deveriam “atuar como porta-vozes de autoridades”.

“Tenho o maior encanto e admiração e respeito pelo jornalismo de opinião. O que critiquei lá é quando isso vai para a reportagem. Não acho legítimo. O repórter tem o dever de ser preciso. Pode ser até analítico, mas não emitir juízo. Na reportagem de rua, fico imbuído, inclusive, de melhor informar o meu colega de opinião. Se eu não fizer isso de modo preciso e correto, ele vai emitir um juízo errado sobre aquele universo que estou retratando. E não só ele, mas também o advogado, o sociólogo, o antropólogo e mais para frente o historiador (...) Por exemplo, essa matança que a polícia militar provoca no cotidiano das grandes cidades brasileiras – isso é muito mal reportado pela mídia no seu conjunto. Quem sabe, lá no futuro, o historiador não passe em branco por esse momento da história. Não vai poder dizer ‘olha, os negros pobres do estado mais rico da federação estão sendo eliminados com a frequência de três por dia, um a cada oito horas’. Se o repórter não fizer esse registro preciso e contundente, a cadeia toda pode falhar, a começar pelo jornalista de opinião.”

(“Caco Barcellos: ‘Erros históricos nascem da imprecisão jornalística’”. *El País*, 26/08/2016. Entrevista concedida a Camila Moraes. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/19/cultura/1468956578\\_924541.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/19/cultura/1468956578_924541.html). Acessado em 13/07/2017.)

De acordo com a posição defendida por Caco Barcellos com relação a seus leitores, uma reportagem exige do jornalista

- a) conhecimento preciso do assunto, uma vez que seu objetivo é convencer o leitor a concordar com o que escreve para evitar que ele cometa erros.
- b) investigação e precisão no tratamento do assunto, porque ela vai servir de base a outros artigos, permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões.
- c) investigação e precisão na abordagem dos fatos, já que ele também emite seu juízo sobre o assunto, conduzindo o leitor a aceitar a história que narra.
- d) conhecimento preciso dos fatos tratados, para que, no futuro, o leitor seja levado a crer que o repórter registrou sua opinião de forma equilibrada.

**QUESTÃO 7**

Em maio deste ano, uma festa do 3º ano do Ensino Médio de uma escola do Rio Grande do Sul propôs aos alunos que se preparavam para o vestibular uma atividade chamada "Se nada der certo". O objetivo era "trabalhar o cenário de não aprovação no vestibular", e como "lidar melhor com essa fase". Os alunos compareceram à festa "fantasiados" de faxineiros, garis, domésticas, agricultores, entre outras profissões consideradas de pessoas "fracassadas". O evento teve repercussão nacional e acirrou o debate sobre a meritocracia. Para Luis Felipe Miguel, professor de ciência política, "o tom de chacota da festa-recreio era óbvio", e teria sido mais interessante "discutir como se constrói a hierarquia que define algumas ocupações como subalternas e outras como superiores; discutir como alguns podem desprezar os saberes incorporados nas práticas dessas profissões (subalternas apenas porque contam com quem as faça por eles); discutir como o que realmente 'deu certo' para eles foi a loteria do nascimento, que, na nossa sociedade, determina a parte do leão das trajetórias individuais".

(Adaptado de Fernanda Valente, Dia do 'se nada der certo' acende debate sobre meritocracia e privilégio. *Carta Capital*, 06/06/2017. Disponível em <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/06/dia-do-se-nada-der-certo-acende-debate-sobre-meritocracia-e-privilégio/>. Acessado em 08/06/2017.)

As alternativas a seguir reproduzem trechos de uma entrevista do professor Sidney Chalhoub (Unicamp e Harvard) sobre o mito da meritocracia. (Manuel Alves Filho, A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades, diz Sidney Chalhoub. *Jornal da Unicamp*, 07/06/2017.)

Assinale aquela que dialoga diretamente com a notícia acima.

- É preciso promover a inclusão "e fazer com que o conhecimento que essas pessoas trarão à Universidade seja reconhecido e disseminado".
- Com a adesão da Unicamp ao sistema de cotas, um "novo contingente de alunos colocará em cheque vários hábitos da universidade".
- "As melhores universidades do mundo (que servem de referência) adotam a diversidade no ingresso dos estudantes há bastante tempo".
- "O ideal seria que todos aqueles que tivessem condições intelectuais e interesse em entrar na universidade obtivessem uma vaga".

**Fonte: Unicamp (2017)**

**Figura 20 - Unicamp, 2019, q. 2-4**

**QUESTÃO 2**

Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto. As proparoxítonas são o ápice da cadeia alimentar do léxico.

As palavras mais pernósticas são sempre proparoxítonas. Para pronunciá-las, há que ter ânimo, falar com ímpeto - e, despóticas, ainda exigem acento na sílaba tônica! Sob qualquer ângulo, a proparoxítona tem mais crédito. É inequívoca a diferença entre o arruaceiro e o vândalo. Uma coisa é estar na ponta – outra, no vértice. Ser artesão não é nada, perto de ser artífice. Legal ser eleito Papa, mas bom mesmo é ser Pontífice.

(Adaptado de Eduardo Afonso, "Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto". Disponível em [www.facebook.com/eduardo22afonso/](http://www.facebook.com/eduardo22afonso/).)

Segundo o texto, as proparoxítonas são palavras que

- garantem sua pronúncia graças à exigência de uma sílaba tônica.
- conferem nobreza ao léxico da língua graças à facilidade de sua pronúncia.
- revelam mais prestígio em função de seu pouco uso e de sua dupla acentuação.
- exibem sempre sua prepotência, além de imporem a obrigatoriedade da acentuação.

### QUESTÃO 3

Na década de 1950, quando iniciava seu governo, Juscelino Kubitschek prometeu “50 anos em 5”. Na campanha do atual governo o *slogan* ficou assim: “O Brasil voltou, 20 anos em dois”. A ‘tradução’ não tinha como dar certo; era como comparar vinho com água. E mais: havia uma vírgula no meio do caminho. Na propaganda, apenas uma vírgula impede que a leitura, ao invés de ser positiva e associada ao progressismo de Juscelino, se transforme numa mensagem de retrocesso: o Brasil de fato ‘voltou’ muito nesses últimos dois anos; para trás.

(Adaptado de Lilia Schwarcz, Havia uma vírgula no meio do caminho. *Nexo Jornal*, 21/05/2018.)

Considerando o gênero propaganda institucional e o paralelo histórico traçado pela autora, é correto afirmar que o *slogan* do atual governo fracassou porque

- o uso da vírgula provocou uma leitura negativa do trecho que alude ao *slogan* da década de 1950.
- a mensagem projetada pelo *slogan* anterior era mais clara, direta, e não exigia o uso da vírgula.
- a alusão ao *slogan* anterior afasta o público jovem e provoca a perda de seu poder persuasivo.
- o duplo sentido do verbo “voltar” gerou uma mensagem que se afasta daquela projetada pelo *slogan* anterior.

### QUESTÃO 4

Alguns pesquisadores falam sobre a necessidade de um “letramento racial”, para “reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista”, baseado em fundamentos como o reconhecimento de privilégios, do racismo como um problema social atual, não apenas legado histórico, e a capacidade de interpretar as práticas racializadas. Ouvir é sempre a primeira orientação dada por qualquer especialista ou ativista: uma escuta atenta, sincera e empática. Luciana Alves, educadora da Unifesp, afirma que “Uma das principais coisas é atenção à linguagem. A gente tem uma linguagem sexista, racista, homofóbica, que passa pelas piadas e pelo uso de termos que a gente já naturalizou. ‘A coisa tá preta’, ‘denegrir’, ‘serviço de preto’... Só o fato de você prestar atenção na linguagem já anuncia uma postura de reconstrução. Se o outro diz que tem uma carga negativa e ofensiva, acredite”.

(Adaptado de Gente branca: o que os brancos de um país racista podem fazer pela igualdade além de não serem racistas. UOL, 21/05/2018)

Segundo Luciana Alves, para combater o racismo e mudar de postura em relação a ele, é fundamental

- ouvir com atenção os discursos e orientações de especialistas e ativistas.
- reconhecer expressões racistas existentes em práticas naturalizadas.
- passar por um “letramento racial” que dispense o legado histórico.
- prestar atenção às práticas históricas e às orientações da educadora.

**Fonte: Unicamp (2018)**

**Figura 21 - Unicamp, 2020, q. 65**

Leia o texto a seguir e responda às **questões 65 e 66**.

O telejornalismo é um dos principais produtos televisivos. Sejam as notícias boas ou ruins, ele precisa garantir uma experiência esteticamente agradável para o espectador. Em suma, ser um “infotainment”, para atrair prestígio, anunciante e rentabilidade. Porém, a atmosfera pesada do início do ano baixou nos telejornais: Brumadinho, jovens atletas mortos no incêndio do CT do Flamengo, notícias diárias de feminicídios, de valentões armados matando em brigas de trânsito e supermercados. Conjunções adversativas e adjuntos adverbiais já não dão mais conta de neutralizar o *tsunami* de tragédias e violência, e de amenizar as más notícias para garantir o “infotainment”. No jornal, é apresentada matéria sobre uma mulher brutalmente espancada, internada com diversas fraturas no rosto. Em frente ao hospital, uma repórter fala: “mas a boa notícia é que ela saiu da UTI e não precisará mais de cirurgia reparadora na face...”. Agora, repórteres repetem a expressão “a boa notícia é que...”, buscando alguma brecha de esperança no “outro lado” das más notícias.

(Adaptado de Wilson R. V. Ferreira, Globo adota “a boa notícia é que...” para tentar se salvar do baixo astral nacional. Disponível em <https://cinegnose.Blogs.pot.com/2019/02/globo-adota-boa-noticia-e-que-para.html>. Acessado em 01/03/2019.)

**QUESTÃO 65**

Considerando a matéria apresentada no jornal, o uso da conjunção adversativa seguido da expressão “a boa notícia é que” permite ao jornalista

- a) apontar a gravidade da notícia e compensá-la.
- b) expor a neutralidade da notícia e reforçá-la.
- c) minimizar a relevância da notícia e acentuá-la.
- d) revelar a importância da notícia e enfatizá-la.

**Fonte: Unicamp (2019)**

**ANEXO C - Questões indicadas como pressuposição****Figura 22 - Fuvest, 2020, q. 70****TEXTO PARA AS QUESTÕES 70 E 71**

*Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar.*

5 *Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.*

*As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior*

10 *é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.*

15

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

**70**

De acordo com o texto, a compreensão do significado de uma obra de arte pressupõe

- (A) o reconhecimento de seu significado intrínseco.
- (B) a exclusividade do ponto de vista mais recente.
- (C) a consideração de seu caráter imutável.
- (D) o acúmulo de interpretações anteriores.
- (E) a explicação definitiva de seu sentido.

**Fonte: Fuvest (2017)**

Figura 23 - Unicamp, 2018, q. 6

## QUESTÃO 6



("Caneta Desmanipuladora." Facebook. 17/10/2016. Disponível em <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/>. Acessado em 15/07/2017.)

Em relação ao *post* adaptado da página do *Facebook* "Caneta Desmanipuladora", é correto afirmar que a "desmanipulação" (substituição de "já" por "só" e acréscimo de "até agora") explicita a tentativa do jornal de levar o leitor a pensar que

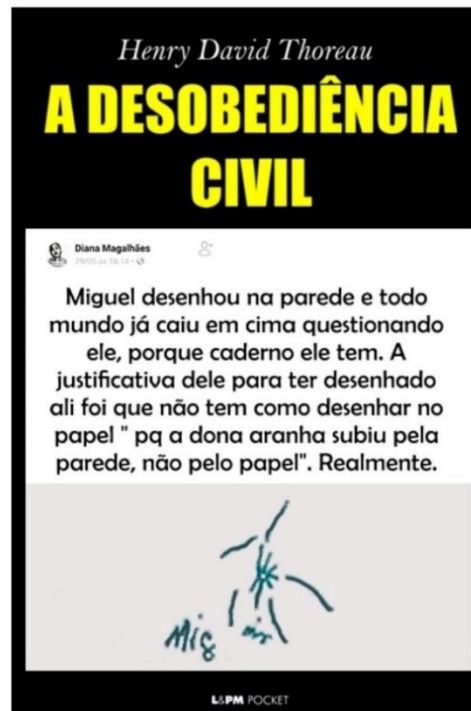
- ainda falta muito a ser pago pela mineradora e há atrasos no pagamento.
- a Samarco teria pago uma grande parte do que devia e o prazo provavelmente está sendo cumprido.
- a Samarco já quitou o que devia, conforme valor homologado na justiça.
- a mineradora não deveria arcar sozinha com a despesa da tragédia de Mariana.

Fonte: Unicamp (2017)

Figura 24 - Unicamp, 2019, q. 6

**QUESTÃO 6**

Uma página do Facebook faz humor com montagens que combinam capas de livros já publicados e memes que circulam nas redes sociais. Uma dessas postagens envolve a obra de Henry Thoreau, para quem a desobediência civil é uma forma de protesto legítima contra leis ou atos governamentais considerados injustos pelo cidadão e que ponham em risco a democracia.



(Fonte: Página de Facebook Obras Literárias com capas de memes genuinamente brasileiros.)

O efeito de humor aqui se deve ao fato de que a montagem

- refuta as razões para a desobediência civil com base na desculpa apresentada pela criança.
- antecipa uma possível avaliação negativa da desobediência sustentada pelo livro.
- equipara as razões da desobediência civil à justificativa apresentada pela criança.
- contesta a legitimidade da desobediência civil defendida por Thoreau.

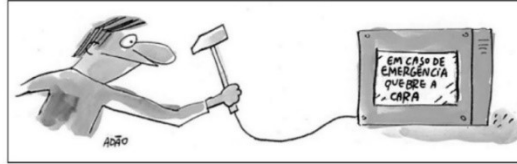
**Fonte: Unicamp (2018)**

## ANEXO D - Questões indicadas como implicaturas conversacionais

Figura 25 - Fuvest, 2019, q. 57

57

Examine o cartum.



ITURRUSGARAI, Adão. A vida como ela yeah. *Folha de S. Paulo*, ago.2018.

O efeito de humor que se obtém no cartum decorre, principalmente,

- (A) da expressão facial da personagem.
- (B) do uso de uma ferramenta fora de contexto.
- (C) da situação rotineira exposta pela imagem.
- (D) da ambiguidade presente na expressão “quebre a cara”.
- (E) do emprego de linguagem popular.

Fonte: Fuvest (2018)

Figura 26 – Unicamp, 2020, q. 69

### QUESTÃO 69

#### Texto I

Leia os versos iniciais da peça *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come* (1966), de Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar. Em formato de cordel, os versos são cantados por todos os atores.

Se corres, bicho te pega, amô.  
 Se ficas, ele te come.  
 Ai, que bicho será esse, amô?  
 Que tem braço e pé de homem?  
 Com a mão direita ele rouba, amô,  
 e com a esquerda ele entrega;  
 janeiro te dá trabalho, amô,  
 dezembro te desemprega;  
 de dia ele grita "avante", amô,  
 de noite ele diz: "não vá".  
 Será esse bicho um homem, amô,  
 ou muitos homens será?

(Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar, *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 3.)

#### Texto II

Observe a charge de Laerte que fez parte da mostra *Maio na Paulista*, em 2019.



(Laerte, *Exposição Maio na Paulista*, de Laerte e Angeli, 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/laerte-e-angeli-participam-de-exposicao-ao-ar-livre-na-avenida-paulista.html>. Acessado em 02/06/2019.)

Considerando a relação entre os textos I e II, conclui-se que a charge

- a) resgata a temática do cordel, rompendo com o impasse vivido pelos personagens.
- b) reafirma o dilema dos personagens da peça, parafraseando os versos iniciais do cordel.
- c) evidencia a tradição popular nordestina, utilizando a imagem para sofisticar os versos.
- d) confirma a força transformadora da versificação popular, reproduzindo-a em imagens.

Fonte: Unicamp (2019)



## ANEXO E – Ordem das questões

O texto a seguir é referência para as questões 41 a 43.

### O jogo do salário mínimo

1 [...] Em menos de trinta minutos, dois times centenários do futebol carioca, Bonsucesso e Olaria, vão se enfrentar num jogo-  
 2 treino, na preparação para a disputa da segunda divisão do campeonato do Rio.  
 3 Na arena vazia, os jogadores vivem a desigualdade salarial do futebol brasileiro. Na esperança de chegar a um clube grande,  
 4 os 22 atletas em campo correm no estádio em troca de um salário mínimo (998 reais) na carteira assinada – isso quando não há  
 5 atraso no pagamento. Juntos, ganham cerca de 22 mil reais – menos de 2% do salário mensal de uma estrela como o atacante  
 6 Gabriel Barbosa, o Gabigol, do Flamengo. Longe do glamour dos estádios padrão Fifa, os 22 em campo no chamado Clássico da  
 7 Leopoldina, em referência à antiga linha de trem, são um retrato do precário mercado de trabalho da bola no Brasil.  
 8 Levantamento do antigo Ministério do Trabalho revela que a maioria (54%) dos jogadores de futebol do país empregados em  
 9 2017 recebia até três salários mínimos (2.811 reais). Os dados constam da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 2017.  
 10 [...]  
 11 A estatística do antigo Ministério do Trabalho é o único levantamento que tenta mapear os salários no futebol brasileiro. A CBF  
 12 fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de publicar por causa das distorções criadas pelos contratos de direito de imagem.  
 13 Segundo a última edição do trabalho da entidade que comanda o futebol nacional, mais de 80% dos jogadores de futebol ganhavam  
 14 até 1 mil reais por mês em 2016. Sem citar nomes, a CBF informou que apenas um jogador recebia mais de 500 mil reais, mas o  
 15 número estava longe da realidade, e o mesmo se pode dizer dos dados da RAIS. O salário em carteira é só uma parte do que os  
 16 atletas recebem, pois o principal vem dos direitos de imagem e patrocínios.  
 17 Mas essa é uma realidade dos clubes grandes. Em clubes como Bonsucesso e Olaria, não há direitos de imagem, já que não  
 18 há imagem a ser vendida. Os patrocinadores estão mais para pequenos comerciantes locais do que para grandes financiadores do  
 19 futebol.

(Sérgio Rangel. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-jogo-do-salario-minimo/>. 31/05/2019.)

41 - Com base no texto de Rangel, considere as seguintes afirmativas:

1. Em “Os patrocinadores estão mais para pequenos comerciantes locais do que para grandes financiadores do futebol”, temos uma relação de contraposição.
2. Os baixos salários, somados aos atrasos nos pagamentos, são aspectos da precariedade do mercado da bola no Brasil.
3. Os dados salariais dos jogadores brasileiros, apontados pela RAIS, apresentam distorções porque a maioria dos jogadores recebem até três salários mínimos por mês, enquanto outros recebem até quinhentos mil reais por mês.
4. A ausência de comercialização de imagens de jogadores de clubes como Bonsucesso e Olaria decorre do fato de esses jogadores não terem direitos de imagem como o jogador Gabigol, por exemplo.

Assinale a alternativa correta.

- a) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- ▶ d) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- e) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.

42 - Acerca de aspectos relativos à pontuação, assinale a alternativa correta com relação a alguns excertos do texto.

- a) Se o segmento “na arena vazia” (linha 3) for deslocado para o final do período, a vírgula não poderá ser dispensada, em razão de aspectos gramaticais.
- ▶ b) O travessão antes de “isso quando não há atraso no pagamento” (linhas 4-5) poderia ser substituído por ponto final, sem prejuízo gramatical e do sentido básico do enunciado.
- c) As vírgulas que isolam o segmento “em referência à antiga linha de trem” (linha 7) são opcionais.
- d) No segmento “A CBF fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de publicar...” (linhas 11-12), a substituição do “mas” por “a qual” dispensaria a necessidade da vírgula.
- e) Se o segmento “Sem citar nomes” (linha 14) fosse deslocado para depois de “apenas um jogador”, o uso de vírgula poderia ser dispensado.